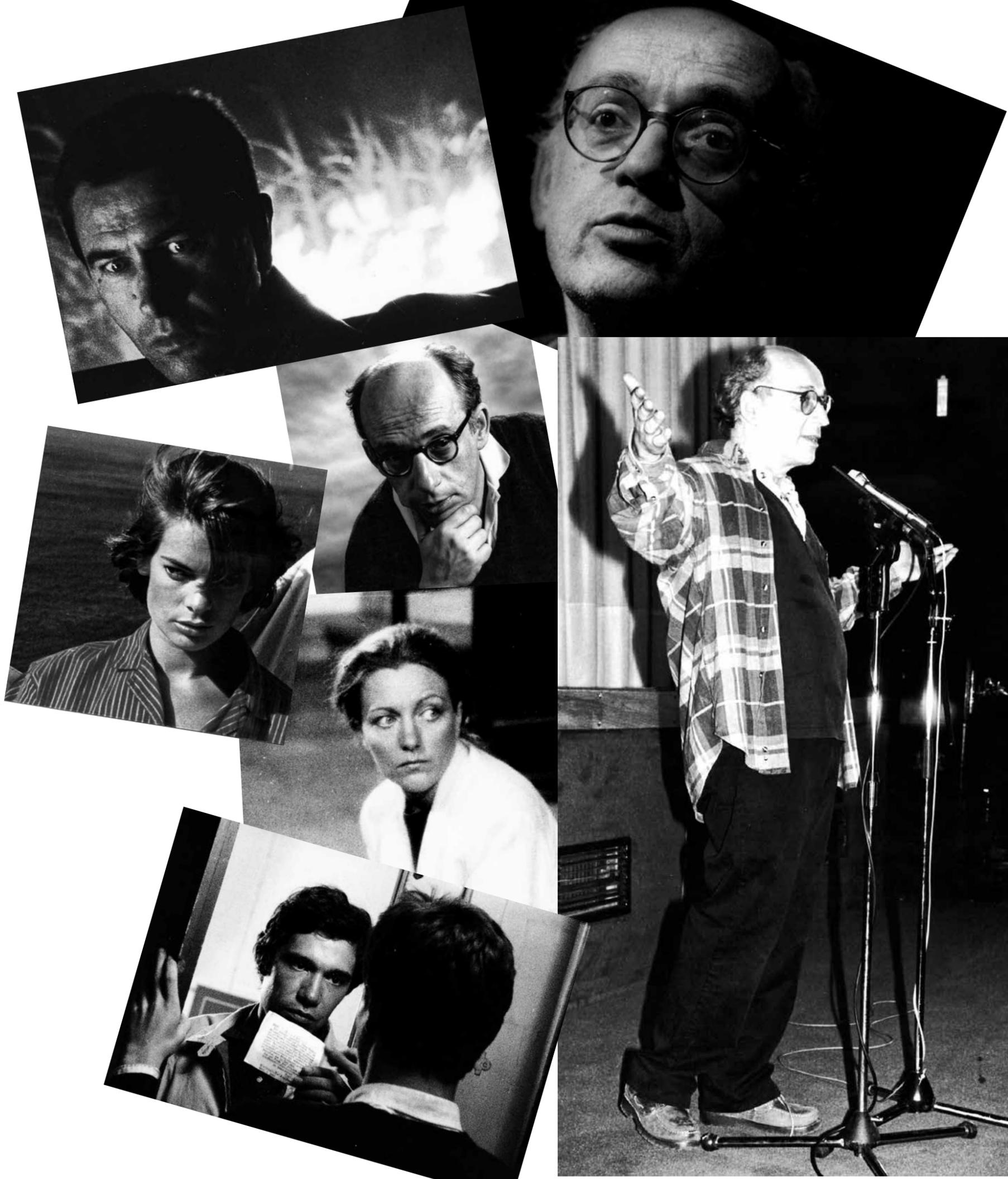


cinemateca

MARÇO 2020



**JORGE SILVA MELO – VIVER AMANHÃ COMO HOJE | CARTA BRANCA 2020 A JORGE SILVA MELO
JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO – CINEASTA DE PELE DURA | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
DOUBLE BILL | A MONSTRA NA CINEMATECA | ANTE-ESTREIAS | GUIÕES | CINENOVA
MOSTRA UBI | IN MEMORIAM JOSÉ LOPES | COM A LINHA DE SOMBRA | CINEMATECA JÚNIOR**

CINEMATECA JÚNIOR

Se eu fosse cineasta... A MENINA DA RÁDIO e a PRINCESA PELE DE BURRO iriam com o COURGETTE no comboio ao circo, ver IMAGENS COM LUZ DENTRO feitas com muita FANTASIA. Este poderia ser o lema *nonsense* do programa de março – um absurdo *pot-pourri* de coisas boas. Este mês na Júnior vamos ver uma comédia portuguesa dos anos 40 – A MENINA DA RÁDIO de Arthur Duarte – para rir e saber de que se ria Portugal nesse período de triste memória. Em parceria com a secção Monstrinha do Festival de Animação de Lisboa – MONSTRA, vamos rever o filme FANTASIA, o mais ambicioso projeto que celebra este ano oitenta primaveras, do mago dos desenhos de animação Walt Disney. No final do mês, e também em parceria com a Monstrinha, vamos conhecer A MINHA VIDA DE COURGETTE, um filme de animação em *stop motion* de Claude Barras, sobre um rapaz órfão que gosta de viver no orfanato, imagine-se! Por último, mas não menos importante e nem sequer no último sábado, vamos ver um conto de fadas em jeito de musical, com a maravilhosa Catherine Deneuve – A PRINCESA PELE DE BURRO, de Jacques Demy. No que toca a coisas para fazer, no dia 14 vamos conhecer vários dispositivos de projeção, desenhar, projetar e interagir com IMAGENS COM LUZ DENTRO. Nos dias 21 e 29, em parceria com o Museu de São Roque, temos nova edição da oficina SE EU FOSSE CINEASTA... Preparem-se para visitar o museu, conhecer a história de São Roque, recortar e colar as personagens em cartolina e, por fim, animar a vida do santo, que com esta terá quatro versões cinematográficas e ameaça ultrapassar o Santo António em popularidade.



▶ Sábado [7] 15:00 | Salão Foz

A MENINA DA RÁDIO

de Arthur Duarte

com António Silva, Maria Matos, Maria Eugénia,
Oscar de Lemos, Ribeirinho, Fernando Curado Ribeiro
Portugal, 1944 – 106 min | M/6

Uma das mais divertidas “comédias populares portuguesas”, que decorre, como diz a legenda inicial, “no tempo em que ainda havia bolos nas pastelarias”, referência às restrições provocadas pela guerra em Portugal. Foi o tempo em que proliferaram os postos amadores e a Rádio tinha um papel determinante na vida de cada um. Maria Eugénia era o que é no filme, uma das muitas “meninas da Rádio” ouvidas por todo o País. E com a presença de dois dos maiores nomes dos palcos portugueses, António Silva e Maria Matos.

▶ Sábado [14] 11:00 | Salão Foz

OFICINA

IMAGEM COM LUZ DENTRO

Quando se apagam luzes e se acendem outras, que imagens nascem à nossa volta? Como podemos fazer os nossos desenhos crescer em dois tempos? E será que cabemos dentro deles? Vamos descobrir várias formas de projetar imagens e mergulhar com elas pela luz dentro!

Conceção e orientação: Maria Remédio

Dos 6 aos 10 anos | Duração aproximada 120 minutos

Marcação até 10 de março: cinemateca.junior@cinemateca.pt

▶ Sábado [14] 15:00 | Salão Foz

FANTASIA

Fantasia

de Walt Disney

Estados Unidos, 1940 – 120 min, dobrado em português do Brasil | M/6

com a presença de Fernando Galrito, diretor da MONSTRA

O mais ambicioso projeto do mago dos desenhos animados, Walt Disney: um grande filme de animação, que em 2020, faz 80 anos e que dá a ver (e a ouvir) algumas composições musicais célebres como a *Pastoral*, de Beethoven ou *A Sagração da Primavera*, de Stravinski. A primeira é ilustrada com uma divertida história no Olimpo grego e a segunda acompanha a origem do mundo e da vida e a extinção dos dinossauros. Há também uma irresistivelmente cómica *Dança das Horas*, dançada por crocodilos e hipopótamos, e ainda a presença especial do convidado Mickey Mouse como Aprendiz de Feiticeiro. Entre outras grandes composições.

▶ Sábado [21] 15:00 | Salão Foz

PEAU D'ÂNE

A Princesa Pele de Burro

de Jacques Demy

com Catherine Deneuve, Jean Marais, Jacques Perrin

França, 1970 – 89 min, legendado em português | M/6

Neste filme, Demy assume plenamente o lado feérico do seu cinema e oferece-nos um conto de fadas sobre uma princesa com quem o seu próprio pai quer casar-se. Ela fugirá de casa, fingirá ser camponesa e acabará por se casar com o seu príncipe encantado. O filme também é uma homenagem a um dos clássicos do cinema francês, *LA BELLE ET LA BÊTE*, de Jean Cocteau. E este conto de fadas é entrecortado com variadas canções, que vão de um duo de amor a uma receita de bolos. A música é de Michel Legrand.

▶ Sábado [21] 10h30 - Museu São Roque
Orientação: Luís Nobre

▶ Sábado [28] 10h30 - Cinemateca Júnior
Orientação: Teresa Cortez

OFICINA

SE EU FOSSE... CINEASTA

Em parceria com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e o Museu São Roque

Um conjunto de quatro tábuas pintadas, do século XVI, exposto no Museu de São Roque, serve de base para um guião de um

pequeno filme de animação. Esta atividade decorre em dois momentos distintos. Num primeiro momento, no Museu de São Roque, as crianças entram em contacto com a obra de arte, desvendando as suas histórias e os seus significados, para depois construírem uma nova história para as suas personagens. No segundo momento, na Cinemateca Júnior, as personagens e histórias imaginadas ganham vida, por meio de técnicas de animação em *stop motion*.

Para crianças dos 6 aos 12 anos | Duração: 2 horas cada sessão
Preço: 2,65€ por criança

(Esta atividade é exclusivamente para crianças. No final será possível assistir ao resultado final dos trabalhos desenvolvidos.)

Marcação prévia até dia 20 de março para:

Serviço de Públicos e Desenvolvimento Cultural
Direção da Cultura da SCML | Tel. 213240869/89

▶ Sábado [28] 15:00 | Salão Foz

MA VIE DE COURGETTE

A Minha Vida de Courgette

de Claude Barras

Suíça, França, 2016 – 66 min, dobrado em português | M/6

com a presença de Fernando Galrito, diretor da MONSTRA

Um menino chamado Ícaro, mais conhecido pela sua alcunha de Courgette, vai para um orfanato depois da trágica morte da mãe. Depois deste terrível revés na sua vida e no meio das dificuldades que tem em integrar-se no seu novo lar, vai ter uma preciosa ajuda do polícia Raymond e dos seus amigos, Camille e Simon. Primeira longa-metragem do suíço Claude Barras, *A MINHA VIDA DE COURGETTE* é um filme de animação em *stop motion* adaptado da obra *Autobiographie d'Une Courgette* (2002) da autoria do escritor francês Gilles Paris. Estreou na edição de 2016 do Festival de Cinema de Cannes e foi nomeado para o Óscar de Melhor Filme de Animação na edição de 2017.

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR.....	2
JORGE SILVA MELO – VIVER AMANHÃ COMO HOJE.....	3
CARTA BRANCA 2020 A JORGE SILVA MELO.....	5
JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO – CINEASTA DE PELE DURA.....	7
SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO.....	9
DOUBLE BILL.....	10
HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS.....	11
O QUE QUERO VER.....	11
INADJECTIVÁVEL.....	11
CINENOVA.....	12
ANTE-ESTREIAS.....	12
GUIÕES.....	13
MOSTRA UBI.....	13
IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO).....	13
COM A LINHA DE SOMBRAS.....	14
IN MEMORIAM JOSÉ LOPES.....	14
CALENDÁRIO.....	15/16

AGRADECIMENTOS

Jorge Silva Melo, António Sena, José Guimarães, Lia Gama, Manuel Wiborg, Miguel Aguiar, Miguel Lobo Antunes, Nikias Skapinakis, Solveig Nordlund, Sofia Areal; António Costa (Leopardo Filmes), Mathias Fischer (Atelier Sofia Areal), Nuno Gonçalves Rodrigues (Artistas Unidos), Pedro Borges (Midas Filmes), Susana Nobre (Terratrema); Corinna Reicher (British Film Institute); Jön Wengström, Johan Ericsson (Swedish Film Institute); Matthieu Grimault (Cinémathèque Française); Eric Leroy, Sophie Le Tétour (C.N.C.); Carsten Zimmer (Arsenal Kino, Berlim); Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna); Katerina Fojtova (Cinemateca de Praga); Hilário Lopes (RTP); Otavio Iosseliani; Richard Dindo; Paulo Cunha; Fernando Galrito; Joaquim Sapinho; Luis Miñarro; José Celestino Campusano; Margarida Medeiros; António Júlio Duarte; João Coimbra Oliveira; Miguel Patrício; Paulo Soares; Francisco Ferreira.

CAPA

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO (Portugal, 1980)
NINGUÉM DUAS VEZES (Portugal, Alemanha, França, 1984)
AGOSTO (Portugal, 1988)
COITADO DO JORGE (Portugal, 1992)
de Jorge Silva Melo



CULTURA



CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, I.P.

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | Fax 213 523 189
cinemateca@cinemateca.pt | www.cinemateca.pt

JORGE SILVA MELO – VIVER AMANHÃ COMO HOJE

A escrita, o cinema, o teatro, têm sido as artes da vida de Jorge Silva Melo (nascido em 1948), homem que ocupa um lugar só dele na cultura em Portugal. Leitor, espectador, crítico, professor, autor, cronista, tradutor, ator, argumentista, realizador, dramaturgo, encenador, diretor artístico. A frase que acaba ali podia continuar substantiva. E chamar outra que referisse Lisboa, Londres, Paris, Berlim, Milão, Roma, pelo menos estas cidades, onde nasceu, estudou cinema, estagiou em teatro com Peter Stein e Giorgio Strehler, foi ator de Jean Jourdeuil, criou, trabalhou, conviveu, passeou. Em Lisboa, onde vive, integrou o Grupo de Teatro de Letras entre 1967 e 1970, fundou e dirigiu, com Luis Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia entre 1973 e 1979; fundou a companhia Artistas Unidos em 1995 que também ela teve várias vidas e continua. Com ele, diretor artístico e encenador frequente.

Escreveu o libreto para uma ópera – *Le château des Carpathes* (baseado em Júlio Verne), de Philippe Hersant (1992). E peças – *Seis Rapazes, Três Raparigas* (1993) e *António, Um Rapaz de Lisboa* (1995), as mais recuadas; *O Grande Dia da Batalha* (a partir de *Albergue Nocturno*, Massimiliano Gorki, 2018), a mais recente. Entre o muito que traduziu, contam-se obras de Carlo Goldoni, Luigi Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Georg Büchner, Lovecraft, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Harold Pinter, Heiner Müller. Por exemplo, *A Máquina Hamlet*, levado à cena do Teatro da Politécnica este ano, a partir de uma tradução de Jorge com Maria Adélia Silva Melo, a irmã mais velha que o apresentou em criança a círculos de pensamento e ação cultural. São dados de referência obrigatória, os destes parágrafos, mesmo num texto não biográfico que sobretudo trata de cinema. Além de peças, publicou livros. Dois deles discorrem memórias, regressam a escritos, ziguezagueiam com o tempo – *Século Passado* (2007) e *A Mesa Está Posta* (2019), em que fala na primeira pessoa das décadas vividas a pensar e a fazer, numa insistência feliz e teimosa, diz ele. Gosta de citar versos de *O Conto de Inverno*, de Shakespeare, “But such a day to-morrow as to-day, / And to be boy eternal.”

Espectador de cinema desde novinho, sobre cinema começou a escrever no suplemento juvenil do *Diário de Lisboa* pelos 15 anos, antes do princípio na crítica em *O Tempo e o Modo*. Sucedâneo da cinefilia e da crítica, o percurso de Jorge Silva Melo no cinema inicia-se na passagem das décadas de 1970 e 1980, a assistir João César Monteiro nos iniciais *Sophia de Mello Breyner Andresen* e *Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço* (1969/70), mas também Paulo Rocha (*Pousada das Chagas*, 1971), António-Pedro Vasconcelos (*Perdido por Cem*, 1972) e Alberto Seixas Santos (*Brandos Costumes*, 1974); a colaborar com Solveig Nordlund (*Música para Si*, 1978). Mais tarde, havia de ser argumentista de Rocha e da mais nova geração de Manuel Mozos, João Guerra, Pedro Caldas; ator, nos anos de 1980 e 90, de João Botelho, João César Monteiro, Alberto Seixas Santos, Paulo Rocha, Manoel de Oliveira, Christine Laurent, Vítor Gonçalves, José Nascimento, José Álvaro Morais ou Joaquim Pinto.

Na ficção, a solo, realizou cinco longas e uma curta-metragem entre 1980 e 2007: *Passagem ou a Meio Caminho*, dedicado aos realizadores João César Monteiro, Paulo Rocha, António-Pedro Vasconcelos, Alberto Seixas Santos e ao professor João Bénard da Costa, um ano depois do “episódico-teatral” *E Não se Pode Exterminá-lo?* (correalizado com Solveig Nordlund, 1979); *Ninguém Duas Vezes; Agosto; Coitado do Jorge; António, Um Rapaz de Lisboa; A Felicidade*, a curta-metragem com Fernando Lopes no papel protagonista. Tem mantido um trabalho ímpar na série de retratos dedicados a artistas plásticos, principiado com *Palolo: Ver o Pensamento a Correr* (1995). Por ordem de entrada filmográfica até ao momento, os artistas de Jorge Silva Melo são Palolo, Joaquim Bravo, Álvaro Lapa, Nikias Skapinakis, Bartolomeu Cid dos Santos, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, José Guimarães, Sofia Areal, Fernando Lemos. No núcleo documental da sua obra, cabe ainda o filme sobre a Cooperativa de Gravadores Portugueses Gravura, um retrato de Glicínia Quartin, atriz e amiga com quem muito conversou, dois títulos recentes que registam peças dos Artistas Unidos, o autorretrato *Ainda Não Acabámos, Como se Fosse uma Carta*.

Esse filme composto como uma carta a um jovem ator, que esteve para se chamar “os que vieram antes”, verte uma característica definidora do modo de estar e trabalhar de Jorge Silva Melo, um *interlocutor cúmplice* de gerações mais velhas e mais novas, um *passador* vigoroso no sentido que Serge Daney deu ao termo. A memória e a transmissão são pontos justamente vitais das longas de ficção de Silva Melo, menos vistas e menos bem vistas do que seria de crer. No tempo de que foram contemporâneas, atravessaram dificuldades de ordem vária, também de receção, que em alguns casos as arredaram das salas ou da visibilidade. São filmes em que Jorge Silva Melo entende ter-se detido no “momento da escolha”, em que a vida se define, deixando de poder ser outra coisa. São filmes a que importa o tempo que passa e os momentos de passagem. São filmes secretos de palavras, paisagens, personagens, atores à flor da vida. São filmes a *rever*.

A sua obra foi alvo de uma retrospectiva em 2013 pelo Lisbon & Estoril Film Festival, altura da publicação *O Cinema de Jorge Silva Melo e os Sortilégios do Tempo*, com textos e uma extensa entrevista de Francisco Ferreira. Esta retrospectiva “Viver Amanhã como Hoje” é a mais completa apresentação da obra de Silva Melo a esta data, mostrada em simultâneo com as vinte escolhas da carta-branca de 2020 (a consultar na entrada respetiva). Dará origem a um catálogo, a publicar mais tarde. Mais informações sobre a biografia e a filmografia de Jorge Silva Melo na brochura digital disponível em www.cinemateca.pt.



► Terça-feira [10] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 – 78 min | M/12

com a presença de Jorge Silva Melo

É como se fosse Jorge Silva Melo por Jorge Silva Melo. O filme esteve para se intitular assim numa piscadela de olhos a JLG. JSM descreve-o como uma carta aos que contra todas as adversidades se tornam atores. Compô-lo com imagens lisboetas, parisienses, romanas, filmando e repescando imagens já filmadas, encenando a sua própria narrativa. Convocou um sério elenco de cúmplices, amigos e atores – “os que vieram antes”, os de gerações mais novas que a sua. “É um auto-retrato (auto-filme? auto-golo) comigo de costas: para que quem veja, veja o que eu vejo. Aquilo que vejo (vi, verei) será aquilo que sou? Mas é uma carta, é a ti que quero contar, a ti, rapaz que quiseste ser ator.” Primeira exibição na Cinemateca.

► Quarta-feira [11] 18:30 | Sala Luís de Pina

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? – CENAS DE KARL VALENTIN 1, 2, 3: VALENTIN NAS LOJAS | VALENTIN CANTA | VALENTIN NA ORQUESTRA

de Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

com Luis Miguel Cintra, Raquel Maria, José Manuel Martins, Carlos Barreto, Jorge Silva Melo, Isabel de Castro

Portugal, 1979 – 100 min | M/12

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? regista a encenação de uma escolha de fragmentos de peças do alemão Karl Valentin por Jorge Silva Melo. Êxito extraordinário, este espetáculo tornou-se lendário. O filme é uma produção do Grupo Zero, do Teatro da Cornucópia e da RTP, e é um dos títulos que resultaram da colaboração entre aquela cooperativa e a RTP documentando trabalhos importantes da Cornucópia (casos ainda de *MÚSICA PARA SI* e *VIAGEM PARA A FELICIDADE*, de Solveig Nordlund). A versão da encenação para registo televisivo deu origem aos cinco episódios então transmitidos na RTP, com a personagem de Valentin apresentada por dois atores no decorrer das cenas – Jorge Silva Melo e Luis Miguel Cintra: “Valentin nas Lojas”, “Valentin Canta”, “Valentin na Orquestra”, “Valentin no Trabalho”, “Valentin Faz Balanço”.

► Quarta-feira [11] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO

de Jorge Silva Melo

com Luís Lucas, João Guedes, Diogo Dória, Glicínia Quartin, Isabel de Castro

Portugal, 1980 – 85 min | M/12

com a presença de Jorge Silva Melo

Escrito e filmado a partir da vida e obra do escritor alemão Georg Büchner (1813-1837), à luz elétrica e à máquina de escrever, sem reconstrução histórica. Fala-se da Guerra de Espanha e de Cézanne, através da sobreposição de épocas e de citações. Mas o “fundo” – nunca nomeado – é o 25 de Abril. “À entrada dos anos 80, e no seu primeiro filme, Jorge Silva Melo deu-nos a ver a escuridão da selva. Talvez por ser tão escura – neste filme tão claro – tantos se perderam nela, não percebendo como a vida parava e como era preciso (necessário) pintá-la naquele momento.” (João Bénard da Costa)

► Quinta-feira [12] 18:30 | Sala Luís de Pina

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? – CENAS DE KARL VALENTIN 4, 5: VALENTIN NO TRABALHO | VALENTIN FAZ BALANÇO

de Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

com Luis Miguel Cintra, Raquel Maria, José Manuel Martins, Carlos Barreto, Jorge Silva Melo, Isabel de Castro

Portugal, 1979 – 56 min | M/12

Últimos dois episódios da versão da encenação para registo televisivo de *E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?*, o espetáculo da Cornucópia que deu origem aos cinco episódios transmitidos na RTP, com a personagem de Valentin apresentada por dois atores no decorrer das cenas – Jorge Silva Melo e Luis Miguel Cintra.

JORGE SILVA MELO – VIVER AMANHÃ COMO HOJE

► Quinta-feira [12] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NINGUÉM DUAS VEZES

de Jorge Silva Melo
com Manuela de Freitas, Luis Miguel Cintra,
José Mário Branco, Michael König, Glicínia Quartin
Portugal, Alemanha, França, 1984 – 106 min | M/12

sessão apresentada por Miguel Lobo Antunes

Lisboa, 1983, é a segunda das vezes para as personagens deste filme. Da primeira, na mesma cidade, em 1975, sabe-se em eclipse. Em oito anos, o país está muito diferente e os dois casais protagonistas de NINGUÉM DUAS VEZES também. Uma mala sem dona no tapete rolante de um aeroporto, Lisboa como não-lugar, depois de ter sido lugar de tudo. “O que não mudou em Jorge Silva Melo – [depois de PASSAGEM] e continuou a não mudar em AGOSTO ou em COITADO DO JORGE – é a mesma saudade do romantismo, o mesmo olhar novo com que o assume. Não é por o saber passado que lhe volta as costas. É por o saber passado que o convoca.” (João Bénard da Costa)

► Sexta-feira [13] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR

de Jorge Silva Melo
Portugal, 2016 – 55 min | M/12

seguido de conversa com Sofia Areal e Jorge Silva Melo

Sofia Areal (nascida em Lisboa, em 1960) é a artista da geração mais nova entre os retratados por Jorge Silva Melo que, vendo-a como um caso singular nas artes portuguesas, a foi filmando a partir de 2011. “Não se trata de um documentário retrospectivo, mas sim um filme que está ao seu lado, a seguir o seu fazer, as suas dúvidas, certezas, conquistas. Aquilo que me interessou foi ver a Sofia Areal pensar pintando, pintar pensando. Pois nela, ‘o que em mim pensa está pintando’, é o seu ofício, o dessa mão que todos os dias faz a alegria” (JSM). Primeira exibição na Cinemateca.

► Sábado [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

AGOSTO

de Jorge Silva Melo
com Christian Patey, Olivier Cruveiller, Marie Carré, Manuela de Freitas, Pedro Hestnes, Glicínia Quartin, Isabel Ruth
Portugal, 1988 – 98 min | M/12

com a presença de Jorge Silva Melo

Jorge Silva Melo adaptou muito livremente o romance de Cesare Pavese *A Praia*. A paisagem física é a serra da Arrábida e as suas praias, de uma luz deslumbrante e dourada no verão. As pessoas singulares que aí habitam vivem um vazio “antonioniano” que Jorge Silva Melo transpôs para o cinema português. Quando o apresentou em ante-estreia na Cinemateca em 1988, escreveu um texto que começa assim: “‘Há um minuto da vida do mundo que passa. Há que o pintar na sua realidade.’ Esta frase de Cézanne citada por Merleau-Ponty nesse livro a que há tantos anos recorro, *Sens et Non-Sens*. É isso o que quero do cinema? Minuto-vida-mundo-pintar-realidade?”

► Segunda-feira [16] 18:30 | Sala Luís de Pina

PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER

de Jorge Silva Melo
Portugal, 1995 – 60 min

JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES

de Jorge Silva Melo
Portugal, 1999 – 58 min | M/6

duração total da projeção: 118 min | M/12

Primeiro de uma galeria de retratos de artistas por Jorge Silva Melo, na série que resgata a memória de alguns contemporâneos e compõe o retrato de conjunto de uma geração e das suas afinidades. Os trabalhos e o percurso de António Palolo (1946-2000) são a matéria do pessoalíssimo primeiro filme do que viria a ser uma trilogia sobre a chamada Escola de Évora, com outros dois títulos dedicados a Joaquim Bravo e Álvaro Lapa. É na primeira pessoa que o filme começa, com o realizador a assumir-se narrador do filme, realizado por altura da preparação de uma exposição no CAM em 1995, comissariada por Maria Helena Freitas. É ela quem nota o “pensamento a correr” de Palolo, “um artista com a inteligência do coração” de quem também diz: “É um impuro, não respeita uma única corrente artística.” JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC, ETC, FELICIDADES é o título completo do belo documentário realizado por Jorge Silva Melo sobre o grande pintor que foi Joaquim Bravo (1935-1990). Jorge Silva Melo escreveu: “Do facto de ter realizado em 1995 um documentário intitulado PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER, nasceu a pouco e pouco o desejo de um outro documentário de carácter mais historiográfico

sobre os artistas que, desde os finais dos anos 1950, começaram a impor caminhos de grande originalidade (e heterodoxia) a partir de Évora. Falo de Joaquim Bravo, Álvaro Lapa e Palolo.”

► Segunda-feira [16] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ÁLVARO LAPA: A LITERATURA

de Jorge Silva Melo
Portugal, 2008 – 101 min | M/12

“Numa viagem entre Viseu e Lisboa, Jorge Silva Melo reconstituiu para o ator Pedro Gil a sua relação com Álvaro Lapa, as entrevistas que realizou com o artista, os anos passados a ver crescer uma das obras mais singulares da arte portuguesa. E a questão: o que é a literatura? Uma demorada viagem iniciática em que se revê toda a obra pictórica e literária e que termina com a declaração de Álvaro Lapa: ‘Disponível, disponível é a juventude. Mesmo que seja incapaz, incompetente, estouvada, destrutiva. Mas é disponível.’” O filme sobre Álvaro Lapa (1931-2006) é o último capítulo dedicado à “Escola de Évora”, depois dos filmes-retrato de Palolo e Joaquim Bravo. Jorge Silva Melo montou uma versão mais longa, destinada a fins expositivos ou académicos: AS CONVERSAS DE LEÇA EM CASA DE ÁLVARO LAPA (2006).

► Terça-feira [17] 18:30 | Sala Luís de Pina

NIKIAS SKAPINAKIS: O TEATRO DOS OUTROS

de Jorge Silva Melo
Portugal, 2007 – 60 min | M/12

O terceiro dos “retratos de artista” com que Jorge Silva Melo resgata a memória de alguns contemporâneos é dedicado a Nikias Skapinakis (nascido em 1931), um dos maiores pintores portugueses da segunda metade do século XX. A exposição “Quartos Imaginários” no Museu Vieira da Silva, em 2006, é um ponto de partida do filme, que conta com as participações do crítico de arte António Rodrigues e do realizador. É Silva Melo quem diz sobre Skapinakis: “Há no seu riso uma acidez luminosa. Ele não ri contra, não troça. Ri, proclamando uma distância entre si e ele próprio, uma elegância, talvez seja isso a melancolia.” Em 2012, por ocasião da exposição antológica *Presente e Passado. 2012-1950*, apresentada no Museu Coleção Berardo, Silva Melo realizou um segundo filme de curta-metragem sobre Skapinakis, intitulado NIKIAS SKAPINAKIS (CONTINUANDO) em que prolonga aquilo que fez com o pintor em 2007. Em 2019, vários trabalhos depois, Nikias Skapinakis expôs em Lisboa, na Galeria do Teatro da Politécnica, e no Porto, na Galeria Fernando Santos, “Descontinuando: Pintura e Desenho 2018-2019”.

► Terça-feira [17] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

COITADO DO JORGE

de Jorge Silva Melo
com Jerzy Radziwilowicz, Ángela Molina, Manuel Wiborg,
Joana Bárcia, Glicínia Quartin
Portugal, 1992 – 101 min | M/12

Baseado num romance de Paula Fox (*Poor George*), é possível resumir o filme com o verso de Ruy Belo que lhe serve de epígrafe: “Triste é no Outono descobrir que é o Verão a única estação.” Num verão quente e repleto de incêndios, Jorge, aos 36 anos, está também a arder por dentro. Um importante título do cinema português dos anos 1990, que nunca foi estreado comercialmente, e que conta com a fotografia de William Lubtchansky. A sinopse dizia, “Poder-se-á dizer que Jorge é um homem feliz. O Jorge vai para casa. É um dia como todos os outros e há fogo em toda a zona. Nessa noite ele vai encontrar-se com um industrial japonês, que lhe permitirá abandonar o seu cargo de professor e retomar o seu trabalho químico. No entanto, quando chega a casa encontra lá uma pessoa. Uma pessoa que ele não conhece. Um assaltante. A partir desse momento, tudo será diferente.”

► Quarta-feira [18] 18:30 | Sala Luís de Pina

ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA

de Jorge Silva Melo
Portugal, 2009 – 60 min
ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO
de Jorge Silva Melo
Portugal, 2011 – 56 min
duração total da projeção: 116 min | M/12

ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA retrata António Sena (nascido em 1941), que Jorge Silva Melo conheceu em 2003, por altura da exposição retrospectiva do pintor em Serralves, apresentada por João Fernandes como uma obra de pintura “que representa um estudo da cor, materiais e composição no contexto de uma relação entre o quadro e a escrita”. Conta com comentários de Maria Filomena Molder e João Pinharanda sobre as obras de Sena em diálogo com o realizador. Na sinopse, afirma-se que interessou a Silva Melo filmar, do “pintor discreto e esquivo”, “a incessante mão, a

mão que escrevinha, rasura, escreve, acrescenta, pinta e apaga ou pinta e inscreve. Ou a mão que comenta, sublinha, se lembra.” No momento do retrato de Ana Vieira (1940-2016) interessava à artista “o que não é dito, o que não é visto”. Silva Melo filmou e sobre o que filmou escreveu: “Mas o que não se vê (ou se vê de esguelha, espiando, deslocando o ponto de vista, recusando a frontalidade do renascimento) é o assunto principal deste trabalho intransigente. No cinema, designa-se isso por *off* e é o assunto principal de muitos dos mais belos planos. No teatro, chamou-se a isso *bastidores*, é onde morrem Jocasta e Antígona, se cega Édipo, morre Fedra. Nós só sabemos, porque, felizmente, Téramène na *Fedra* ou o Soldado no *Rei Édipo*, ecos, testemunhas, nos vêm contar. Ou porque Ana Vieira, guardadora das sombras, lhes fixou a traça? Filmar o invisível, é assim um destino: filmar o rasto (rastejar?), a ausência, colocar-me à indiscreta janela (é belo o inglês, *Rear Window*) onde passam as sombras, na caverna.” ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO é uma primeira exibição na Cinemateca.

► Quinta-feira [19] 18:30 | Sala Luís de Pina

A ÁFRICA DE JOSÉ GUIMARÃES

de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar
Portugal, 2012 – 57 min | M/12

com a presença de José Guimarães

Correalizado por Jorge Silva Melo e Miguel Aguiar, o filme parte da coleção de arte tribal africana de José Guimarães (nascido em 1939), cujo percurso artístico sofreu uma transformação assinalável com a estadia em Angola entre 1967 e 1974, em serviço militar. A arte primitiva africana passa a fazer parte do seu trabalho, no sentido do diálogo que o artista afirma manter com as peças que coleciona – “O Minho deu-me as cores, África o sentido do mito.” Primeira exibição na Cinemateca.

► Sexta-feira [20] 18:30 | Sala Luís de Pina

JOGADORES DE PAU MIRÓ

de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar
com Américo Silva, Pedro Carraca, António Simão, João Meireles
Portugal, 2017 – 68 min

O TEMPO DE LLUÏSA CUNILLÉ

de Jorge Silva Melo
com Rita Brütt, João Meireles
Portugal, 2018 – 67 min
duração total da projeção: 135 min | M/12

sessão com intervalo de 10 minutos

Produzidos pelos Artistas Unidos e a RTP, os dois filmes registam duas peças encenadas por Jorge Silva Melo nos Artistas Unidos em 2015, com cenografia e figurinos de Rita Lopes Alves. Em *Jogadores*, do catalão Pau Miró, quatro homens, um professor, um barbeiro, um ator e um coveiro, são olhados à imagem dos gangsters falhados de um filme de Monicelli, numa peça por onde passa a ideia da gentrificação. *O Tempo*, de Lluïsa Cunillé propõe um drama para duas personagens, um homem e uma mulher. Primeiras exposições na Cinemateca.

► Sexta-feira [20] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA

de Jorge Silva Melo
com Manuel Wiborg, Lia Gama, Paulo Claro, Sylvie Rocha, Isabel Muñoz Cardoso, Marco Delgado, Ivo Canelas, Joana Bárcia, Glicínia Quartin
Portugal, 2000 – 114 min | M/12

sessão apresentada por Lia Gama e Manuel Wiborg

Adaptação cinematográfica da peça teatral encenada cinco anos antes, no ACARTE por Jorge Silva Melo, ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA é simultaneamente um filme da geração dos atores que o interpretaram e um retrato da Lisboa dos anos 1990. O ritmo é vibrante, as cores fortes, os planos enérgicos. A sinopse oficial reza: “Um rapaz em Lisboa, nesta Lisboa em obras. As paragens de autocarro, as entrevistas para emprego, os cafés sujos, o metro de uma noite, os centros comerciais de bairro, as lojas de fotocópias, os arrumadores de automóveis, os hospitais, um encontro à chuva, as creches onde se colocam os filhos, a dura ressaca, o Corte Inglês, as cervejarias onde se mata o tempo.”

► Sábado [21] 18:30 | Sala Luís de Pina

A GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM

de Jorge Silva Melo
Portugal, 2007 – 88 min

BARTOLOMEU CID DOS SANTOS: POR TERRAS DEVASTADAS

de Jorge Silva Melo
Portugal, 2009 – 60 min
duração total da projeção: 148 min | M/12
sessão com intervalo de 10 minutos

JORGE SILVA MELO – VIVER AMANHÃ COMO HOJE

No núcleo das obras sobre artistas, A GRAVURA (primeira exibição na Cinemateca) é o retrato de grupo de Jorge Silva Melo: fundada em 20 de julho de 1956 por um grupo de artistas e intelectuais, a Cooperativa de Gravadores Portugueses Gravura tem uma história que parte de “um momento único de camaradagem, aprendizagem, intercâmbio, um momento político na História das Formas”. É a história que o filme trata através de quase 30 depoimentos de conhecidos artistas plásticos portugueses: “a sua história, e as suas consequências, a sua origem nos movimentos de oposição à ditadura, numa improvisada garagem de Algés. E sobretudo, a necessidade que os artistas sentiram de aprender em conjunto, de se organizar, aprender e ensinar ao mesmo tempo.” Bartolomeu Cid dos Santos (1931-2008), um dos nomes da Gravura, foi um dos muitos artistas exilados do século XX português. Radicado em Londres, ensinou na Slade School of Fine Art. Retrato de um pintor e gravador, cuja obra de extrema vitalidade mantém uma ligação profunda com Portugal. Jorge Silva Melo titula o filme a partir do célebre poema de T.S. Eliot, *A Terra Devastada* (1922) citando-o sobre imagens de atualidades da Europa trucidada pela Segunda Guerra Mundial.

► Terça-feira [24] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2010 – 60 min

FOTOGRAFIA | INFÂNCIA | CENÁRIO | ESFEROGRÁFICA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2010 – 23 min (duração dos quatro “extras”)

duração total da projeção: 83 min | M/12

Ângelo de Sousa (1938-2011), pintor, escultor, desenhador, professor que viveu e trabalhou no Porto desde os anos 1950 conversa com Jorge Silva Melo neste retrato de 2010, filmado em Coimbra, numa exposição de escultura, em casa, no atelier, em Lisboa. “O filme parte de encontros vários com o Artista, como se fossem curtas-metragens justapostas, em que ele comenta os seus trabalhos, os métodos, a repetição das formas, as alternâncias de suportes (papel, fotografia, vídeo, metal). Inquieto, Ângelo guia-me pela sua sempre declarada alegria, impermanente conquista diária das formas simples” (JSM). FOTOGRAFIA, INFÂNCIA, CENÁRIO, ESFEROGRÁFICA são títulos dos quatro pequenos “extras” incluídos na edição dvd a apresentar em projeção como quatro curtas-metragens suplementares a seguir ao filme. Primeira exibição na Cinemateca.

► Sexta-feira [27] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É UM RETRATO?

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2018 – 76 min | M/12

Concluído em 2018, dez anos depois de ter sido começado, o retrato de Fernando Lemos (1926-2019) por Jorge Silva Melo constrói-se a partir de uma longa entrevista feita em 2008, por altura de uma passagem de Lemos por Lisboa, e de uma outra, de 2017, em São Paulo. É o mais recente filme-retrato de Silva Melo a esta data. O de um artista que quando deixou Lisboa em 1953 para se instalar em São Paulo, no Brasil, “deixou-nos a mais impressionante galeria de retratos eu diria que desde Columbano: os seus amigos, atores, escritores, pintores que fotografou incessantemente naqueles três últimos anos que viveu em Portugal. E é pintor, gráfico, poeta” (JSM). Primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [31] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

A FELICIDADE

de Jorge Silva Melo

com Fernando Lopes, Pedro Gil, Miguel Borges

Portugal, 2007 – 8 min

CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2004 – 55 min

duração total da projeção: 63 min | M/12

A curta-metragem A FELICIDADE é o mais recente título de ficção de Jorge Silva Melo, que filma outro realizador no papel protagonista, Fernando Lopes. Silva Melo: “Um pai e um filho. O pai terá 70 anos, o filho pouco mais de 20. O filho leva o pai ao hospital. Na rádio, ouve-se música clássica: o *Exultate, Jubilate* de Mozart, cantado por Teresa Stich-Randall. Nem o pai sabia que o filho gostava de música clássica, nem o filho sabia que aquela seria a última conversa que teria com o pai. Mas Mozart pede que as almas se alegrem, que os homens rejubilem.” CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN foi preparado para os 80 anos de Glicínia Quartin, e a sua ante-estreia teve lugar no dia do aniversário da atriz. “Gosto tanto de a ouvir falar, à Glicínia. Mas não queria que ela falasse só comigo. Por isso fiz este filme, para partilhar as minhas conversas com Glicínia Quartin” (JSM). Testemunhando a presença de Glicínia e a sua amizade com Silva Melo, é o filme de Glicínia a conversar com todos nós.

CARTA BRANCA 2020 A JORGE SILVA MELO

A acompanhar a retrospectiva da sua obra, 20 escolhas de Jorge Silva Melo em 2020. E um texto.

CARTA BRANCA SEM RECEITA

Não me perguntem se são os melhores do mundo. Não serão, nem está aqui nenhum Lang nem nenhum Renoir (e se isso fosse, todos os Hitchcock aqui estariam), nem nenhum Ray (qual dos dois?), nem o EUROPA 51, nem o PLAYTIME nem a GERTRUD ou o SUNRISE, nem o A STAR IS BORN, nem a Claudia Cardinale entra em nenhum deles... nem o Jean Gabin (!), nem estão cá as SEVEN WOMEN, meu último Ford (“so long, bastard!” conclui a Bancroft), pois não, não são os “melhores de sempre”, não. Nem os que levaria para a ilha deserta, onde não sei bem o que faria se nem projeccionista lá houvesse.

São filmes de que me lembro hoje, filmes que me fizeram adulto, filmes que vêm de longe muitos, filmes muitas vezes vistos, pensados, sonhados, filmes tão diferentes, filmes com quem passaria esta noite se ainda houvesse com quem falar durante as noites depois do cinema.

Sim, claro, RIO BRAVO de Howard Hawks, o classicismo, a evidência, como se disse, a frontalidade, a perfeição, a amizade, a redenção (mas também podíamos falar de HATARI! e dos tempos mortos, das esperas, dos olhares cruzados, da aventura). Sim, à medida que envelheço mais sei que este filme me fez teria eu doze anos. A gota de sangue no copo de cerveja, geometria perfeita e alucinada.

Mas também gosto de filmes onde precisamente esse classicismo se estilhaça, a dúvida paira, a incerteza vence, filmes-milagre como o CLOSE-UP de Abbas Kiarostami, derradeiro filme daquilo a que chamamos cinema? Derradeiro capítulo, sim. (Ou esse foi o de MAN OF THE WEST de Anthony Mann, o paisagista lírico, magoado anúncio de velhice e impotência?)

Mas eu gosto de tudo, gosto e não gosto de receitas.

Gosto de filmes de argumento (como o dilacerante IL SOSPETTO de Francesco Maselli – mas podia ser o RUNNING ON EMPTY de Sidney Lumet) como gosto de filmes onde precisamente o argumento se esconde, quebrado (ah, como me intriga DÉTECTIVE de Jean-Luc Godard, aqueles planos das costas de Johny Halliday!), gosto de filmes frágeis (comigo sempre a WANDA de Barbara Loden, descoberto em Londres, numa tarde em que evitei académica escola), de filmes intensamente “de autor”, segredos mesmo (como me surpreendeu a música realmente de câmara daquele “Outono” de Iosseliani, ou no mesmo cinema soviético aquele pungente dueto mãe-filho da imensa Muratova), como gosto de filmes de produtor (ah, o ODD MAN OUT que tanto podemos dizer que é “do” competente realizador Carol Reed como do genial director de fotografia Robert Krasker, como é dos sublimes actores-sombras negras – Mason ou Robert Newton – trabalho de equipa perfeita, tantos homens certos na noite certa, Londres para sempre sombria – mas aqui a fazer de Belfast, a funérea.

Sim, gosto de filmes arrebatados (para sempre Walsh – e bastava o plano da morte de Tab Hunter no BATTLE CRY para sabermos que estamos com o maior cineasta, aquele que sabe o que pesa, o que dói um homem caído, ferido, morto) como de filmes elegíacos, tristes, secretos (ah, a CRONACA FAMILIARE de Zurlini mas podia ser os FIDANZATI do tão esquecido Olmi!), ou de filmes à beira da apoplexia (e quem diria que assim é Minnelli? Mas como resistir àquelas voluptuosas TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN?).

Gosto de musicais (e não escolhi nenhum!), gosto de *screwball comedies* (e nem uma), gosto de melodramas (e nem um), ao ser preso pela Pide em 21^º Fevereiro de 1968, tinha no bolso os bilhetes para nessa mesma noite poder ir ao Éden ver a estreia de THE PATSY e lembro-me da cara espantada dos pides (“este caramelo gosta do Jerry das caretas?”, pensariam os malditos), gosto de tantos filmes tão diferentes uns dos outros, quase diria que ao iluminar-se o écran, sou realmente feliz com as luzes que se apagam, as cortinas que abrem, aquelas primeiras luzes. Sim, desde que, em menino, vi L’ONOREVOLE ANGELINA de Zampa com a Magnani, gosto de tudo.

E devagarinho vem-me à memória aquele arrasador “A EXECUÇÃO DE ERNST S., TRAIADOR À PÁTRIA” de Richard Dindo, demorado inquérito onde o cinema é a não-representação, ruas, caminhos na floresta, o vazio. (Mas, claro, podia ser o GESTOS & FRAGMENTOS de Seixas Santos, admirável.)

Pois, e se nasci para os filmes nesta terra por obra do Paulo Rocha (“afinal é possível!”) cujos VERDES ainda me incendeiam, mestre, amigo, é o VANITAS que aqui trago, filme esquecido, menosprezado, atirado para o lixo do consumo, filme sublime, fogo fátuo. E sei que dele gostaria esta noite de ficar a conversar com o João Bénard da Costa, meu professor.

Ah, sim, porque os filmes são para depois se conversar. Estes são.

Ou então antes. Durante anos, ouvi a Luiza Neto Jorge falar de um filme que vira em Paris e que nunca cá chegara nem nas viagens eu conseguira descobrir. Sim, eram as CUMBRES BORRASCOSAS de Luis Buñuel que só vi anos depois da morte da Luiza, uma tarde na Cinemateca, creio. E sobre o qual nunca consegui falar com ela. Ou consegui?

Jorge Silva Melo
13 Fevereiro de 2020

► Quarta-feira [4] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [10] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

RIO BRAVO

Rio Bravo

de Howard Hawks

com John Wayne, Dean Martin, Ricky Nelson,
Angie Dickinson, Walter Brennan

Estados Unidos, 1959 – 141 min / legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

RIO BRAVO é um dos mais famosos westerns de sempre, e a obra-prima de Howard Hawks, que o fez em resposta a HIGH NOON de Fred Zinnemann. Um grupo de homens com uma missão a cumprir

é o tema geral dos filmes de aventuras de Hawks, neste caso, a de manter a ordem numa pequena cidade, e levar a julgamento um assassino. Mas é também, como todos os filmes do realizador, uma fabulosa variação sobre a “guerra dos sexos”, com um fabuloso duelo verbal entre John Wayne e Angie Dickinson. Jorge Silva Melo indica-o muitas vezes como o filme entre os preferidos. Escreveu sobre ele para o catálogo *Howard Hawks* de 1990: “Se há filmes que me fizeram mal? Este. RIO BRAVO. Mal em tudo: na vida, nos amores, na profissão, quando penso em fazer um filme, quando me ponho a escrever uma história, quando vou ao cinema, naquelas horas plenas (e ainda tão raras!) em que posso filmar ou trabalhar.”

CARTA BRANCA 2020 A JORGE SILVA MELO

- ▶ Quarta-feira [4] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [13] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP

de Abbas Kiarostami

com Hossain Sabzian, Abolfazl Ahankhah, Abbas Kiarostami
Irão, 1990 – 90 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

CLOSE-UP é uma das obras-primas de Abbas Kiarostami, um filme extraordinariamente livre, complexo, mas simples à superfície. Construindo-se nos registos documental e da ficção, e refletindo sobre a natureza da imagem, o real e o cinema, segue a história de um homem desempregado que finge ser o realizador Mohsen Makhmalbaf. Num testemunho filmado para acompanhar a sua edição portuguesa em dvd, Jorge Silva Melo defende-o como um filme que coloca as questões fundamentais do cinema com simplicidade, nitidez, problematização: “Depois deste filme não é possível fazer cinema da mesma maneira. Ficamos a duvidar de tudo.” A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [5] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [6] 18:30 | Sala Luis de Pina

ODD MAN OUT*Casa Cercada*

de Carol Reed

Com James Mason, Robert Newton, Kathleen Ryan

Reino Unido, 1947 – 115 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Com uma atmosfera expressionista que anuncia já o seu *THE THIRD MAN*, Carol Reed encena um verdadeiro “poema fúnebre” sobre a “solidão e o peso do destino”, nesta história de um chefe político do Sinn-Fein, ferido num assalto e alvo de uma gigantesca caça ao homem. Quase inteiramente passado numa só noite, foi o filme que deu a James Mason uma das suas grandes personagens e o reconhecimento internacional antes de Hollywood.

- ▶ Quinta-feira [5] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [9] 18:30 | Sala Luis de Pina

IL SOSPETTO*O Suspeito*

de Francesco Maselli

com Gian Maria Volonté, Renato Salvatori, Annie Girardot

Itália, 1975 – 111 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Há quem o refira como um drama político ambientado na Itália fascista. O argumento é coassinado por Maselli e Franco Solinas, mais conhecido como argumentista de Gillo Pontecorvo (*KAPÒ, LA BATTAGLIA DI ALGERI*). A história segue a personagem de Emilio, um comunista italiano radicado em Paris por confrontos políticos com camaradas do Partido uns anos antes. E que é enviado numa missão a Turim quando a detenção de militantes por denúncia começa a dizimar as fileiras da resistência. O título de trabalho era “Missione nell’Italia Fascista”, tendo a produção que haver-se com a RKO, ciosa da exclusividade do título do filme de 1941 de Hitchcock, *SUSPICION*. É uma das escolhas italianas de Jorge Silva Melo nesta sua carta-branca. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [6] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [10] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE PATSY*Jerry, Oito e Três Quartos*

de Jerry Lewis

com Jerry Lewis, Ina Balin, Everett Sloane, Keenan Wynn, Peter Lorre, John Carradine

Estados Unidos, 1964 – 101 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma das obras-primas do realizador-ator Jerry Lewis, *THE PATSY* é uma sátira mordaz ao mundo do cinema (o título português indica-o jogando com o felliniano *OITO E MEIO*, do ano anterior). Jerry retoma uma personagem semelhante à de *THE ERRAND BOY* (1961) no papel de um mandarete de hotel que uma equipa do mundo do espetáculo escolhe para substituir a sua estrela recentemente falecida. Um dos mais estranhos e “destrutivos” dos seus filmes da década de 1960.

- ▶ Sexta-feira [6] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [30] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE RAYON VERT*O Raio Verde*

de Eric Rohmer

com Marie Rivière, Vincent Gauthier, Rosette

França, 1986 – 98 min / legendado em português | M/12

Sexto e último filme da série “Comédias e Provérbios”, sob a epígrafe de um verso de Rimbaud: “Ah, que venha o tempo/ em que os corações se apaixonam!”. Uma jovem secretária não sabe o que fazer durante as férias de verão e depois de muitas hesitações vai para Biarritz, onde terá uma súbita revelação. Filmado em 16mm, como outras “Comédias e Provérbios”, porque “em 35 mm, pode-

-se cair facilmente no bilhete-postal” (Rohmer), o filme tem uma deliberada estratégia de cinema “amador”. Mal compreendido quando estreou, é um filme radical, denso, luminoso.

- ▶ Segunda-feira [9] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA BAIE DES ANGES*A Grande Pecadora*

de Jacques Demy

com Jeanne Moreau, Claude Mann, Paul Guers

França, 1963 – 83 min / legendado em português | M/12

Muito longe do filme cantado que seria uma das marcas do seu cinema, esta obra-prima de Jacques Demy descreve a paixão de uma mulher pelo jogo e o seu périplo de casino em casino na companhia do amante. A realização tem a leveza e a elegância do cinema do realizador francês, mas também capta magnificamente a angústia dos jogadores e a sua neurose. Filmado a preto e branco em cenários naturais na Côte d’Azur (Nice e Mônaco), *LA BAIE DES ANGES* tem uma criação fabulosa de Jeanne Moreau.

- ▶ Segunda-feira [9] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [12] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

GIORGIOBISTVE*“Folhas Caídas” / “Outono”*

de Otar Iosseliani

com Ramaz Giorgobiani, Marina Kartsivadze, Goghi Karabadze.

URSS, 1967 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

GIORGIOBISTVE (ou *LISTOPAD*, em russo) foi a primeira longa-metragem de Otar Iosseliani e chamou imediatamente a atenção para o seu nome na Europa ocidental (prémio da crítica em Cannes e Prémio Georges Sadoul em França). É a história de dois funcionários de uma cooperativa vinícola, um sério e leal, o outro arrivista e desonesto, e da sua relação ao longo de um conflito laboral. Tema (velado): a vida na Geórgia em tempos da URSS. Na Cinemateca, não passa desde 2008.

- ▶ Terça-feira [10] 18:30 | Sala Luis de Pina
- ▶ Segunda-feira [16] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ADIEU PHILIPPINE

de Jacques Rozier

com Jean-Claude Aimini, Yveline Cery, Stefania Sabatini

França, 1962 – 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O mais amado dos filmes desconhecidos (a sua carreira foi atribulada, em Portugal nunca estreou) do mais raro dos cineastas da *Nouvelle-Vague*, Jacques Rozier, cujo percurso fulgurante nunca mais terá tido sossego, filmando desde então os mais livres dos filmes. Nunca ninguém filmou tão perto a errância da gente nova, a hesitação, os dias inseguros, os adeuses, os acasos, o peso da guerra – aqui, a da Argélia. Tudo é fresco e novo neste documento único em que a Graça visita os corpos 24 vezes por segundo. Sobre ele escreveu Jorge Silva Melo que remata assim: “é que *ADIEU PHILIPPINE* é um filme de coração nas mãos, tão lindo.” A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [11] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [17] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN*Duas Semanas noutra Cidade*

de Vincente Minnelli

com Kirk Douglas, Edward G. Robinson, Cyd Charisse, George Hamilton, Claire Trevor

Estados Unidos, 1962 – 107 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um americano em Roma, uma angústia, uma confusão, uma perdição neste melodrama sobre o cinema e vida do pós-guerra, gente à deriva. A sequência do automóvel com Kirk Douglas subindo o Muro Torto é um dos momentos mais extraordinários do mais elegante dos cineastas, e aquele em que podemos ver o que mudou na compreensão do ser humano, no conturbado início dos anos 1960.

- ▶ Sexta-feira [13] 18:30 | Sala Luis de Pina
- ▶ Quarta-feira [25] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

BATTLE CRY*Antes do Furacão*

de Raoul Walsh

com Van Heflin, Aldo Ray, James Whitmore, Mona Freeman

Estados Unidos, 1955 – 149 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Com argumento de Leon Uris a partir do seu *best-seller* homónimo, *BATTLE CRY* é o filme em que Raoul Walsh volta aos palcos da Segunda Guerra Mundial, com uma visão mais distanciada e crítica sobre o conflito e os homens. Singulamente, este notável filme de guerra destaca-se menos pelas características épicas das acções dos Marines, bastante reduzidas, do que pelos retratos individuais dos militares e das mulheres que os acompanham. Na Cinemateca, não é apresentado desde 2001.

- ▶ Sexta-feira [13] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

VANITAS OU O OUTRO MUNDO

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Joana Bárcia, Filipe Cochofel,

Pedro Miguel Silva, João Pedro Bénard

Portugal, 2014 – 100 min | M/12

sessão apresentada por Jorge Silva Melo

Lúgubre, insano, demente, desmesurado, cheirando a incenso e óleos, crepuscular, tétrico, fantomático, desgarrado, este filme desequilibrado, rasgado, filme roto, filme nu, filme irreduzível, dorido e cantável, imensa melodia da passagem decrescente dos dias, será o filme mais amaldiçoado do mais amaldiçoado dos grandes cineastas modernos, Paulo Rocha. A ele se aplica o que Duras dizia de Montgomery Clift: “Só espero que haja cada vez mais homens que tremem como ele.” A “folha” da Cinemateca é de Jorge Silva Melo e lá se lê: “O que me inquieta neste filme é a ansiedade, indizível ansiedade”, ou “Raríssimas vezes o cinema nos deu este negrume, este abismo no coração gelado das personagens.”

- ▶ Terça-feira [17] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [19] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

ABISMOS DE PASIÓN*O Monte dos Vendavais*

de Luis Buñuel

com Jorge Mistral, Irasema Dilian, Lilia Prado, Ernesto Alonso

México, 1953 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

ABISMOS DE PASIÓN ou *CUMBRES BORRASCOSAS* é, sem a menor dúvida, um dos pontos mais fortes do período mexicano de Buñuel. Guillermo Cabrera Infante disse deste filme que era “um mau Brontë, mas um bom Breton”, destacando a sua dimensão surrealista. Note-se que no título da versão buñueliana de *Wuthering Heights* passamos do “monte” aos “abismos”, o que inverte todas as conotações. Apesar disso (ou por causa disso), esta adaptação do romance de Emily Brontë é fiel ao espírito da obra, acentuando a “possessão” de Heathcliff/Alejandro na siderante cena final no cemitério (a preferida de Buñuel), nec plus ultra do *amour fou* no cinema. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [18] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [24] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SOLO

de Jean-Pierre Mocky

com Jean-Pierre Mocky, Anne Deleuze, Denis Le Guillou

França, Bélgica, 1970 – 83 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Interpretando o papel principal deste seu filme *noir*, realizado após uma série de comédias, Jean-Pierre Mocky retrata a sociedade francesa da época encarando sem complacência quer a juventude de Maio de 68 quer a França de De Gaulle. A história é a de um violinista ladrão de jóias que procura o irmão, chefe de um pequeno grupo de extrema-esquerda responsável por atentados sangrentos contra a burguesia abastada. É um filme importante da filmografia de Mocky, um policial melancólico, tenebroso e romântico, como já lhe chamaram. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [19] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [30] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

WANDA*Wanda*

de Barbara Loden

com Barbara Loden, Michael Higgins, Charles Dosiman, Frank Jourdano

Estados Unidos, 1971 – 102 min / legendado em francês e eletronicamente em português | M/16

Um filme feito à mão pela atriz Barbara Loden (irmã de Warren Beatty em *SPLENDOR IN THE GRASS*). História de uma mulher solitária e pobre na Pensilvânia, *WANDA* é uma experiência radical. A solidão americana, o sonho dos pobres, em carne viva. Um segredo tardiamente revelado da História do cinema, um belíssimo filme. Jorge Silva Melo escreveu sobre o filme para uma “folha” da sala do ciclo “Actor/Actor” em 1987 e publicou o texto no livro de antologia *Século Passado*, perguntando, “Que dizer da Ferida?” Tinha-o visto em Londres, em 1971: “Vi *WANDA* cinco vezes nessas duas semanas em que esteve em exibição. E se há coisa que nunca serei é isso para que me quiseram preparar [na London Film School], um profissional.”

- ▶ Segunda-feira [23] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [26] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

MAN OF THE WEST*O Homem do Oeste*

de Anthony Mann

com Arthur O’Connell, Gary Cooper, Jack Lord,

John Dehner, Julie London, Lee J. Cobb

Estados Unidos, 1958 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

CARTA BRANCA 2020 A JORGE SILVA MELO

O último grande western de Anthony Mann e, talvez, o mais pessimista dos seus filmes, onde deixa perceber a sensação de fim de um “mundo” e de uma forma de viver. Admirável desempenho de Gary Cooper na figura de um antigo bandoleiro regenerado e que procura auxiliar uma comunidade (o mesmo tema de BEND OF THE RIVER) acabando por reencontrar-se com o passado e ajustar contas definitivas com ele.

- ▶ Segunda-feira [23] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [26] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS

“A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria”

de Richard Dindo

Suíça, 1970 – 99 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A partir do livro de Niklaus Meienberg, o filme documental de Richard Dindo reconstitui a vida de Ernst S. detendo-se no seu caso político: entre 1939 e 1944, o governo suíço mandou executar 17 “traidores da pátria”, o primeiro dos quais o jovem soldado Ernst S, que seria fuzilado no cantão de Saint-Gall pelo roubo e revenda de granadas aos nazis. O filme apresenta os pontos de vista de pessoas próximas de Ernst S., testemunhos que incluem Edgar Bonjour, tido como o historiador “oficial” da Suíça durante a Segunda Guerra Mundial, refletindo as questões esgrimidas em debates posteriores sobre o papel da Suíça durante a Guerra. Há quem o alinhe com LE DOULEUR ET LA PITIÉ de Marcel Ophuls. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quarta-feira [25] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [31] 18:30 | Sala Luís de Pina

CRONACA FAMILIARE

Dois Irmãos Dois Destinos

de Valerio Zurlini

com Marcello Mastroianni, Jacques Perrin, Salvo Randone, Sylvie

Itália, 1962 – 110 min / legendado em português | M/12

É obrigatório ver este Zurlini, uma visão poética e existencialista da Itália do pós-guerra. Diz-se que “nunca se viu Mastroianni até se ver CRONACA FAMILIARE”. Seguindo um escritor marxista, em luto pela morte do irmão mais novo, um filme que ronda a morte, o desespero e a possibilidade de redenção. Às sombras que perseguem a personagem de Mastroianni, Zurlini contrapõe as cores de um magnífico Technicolor.

- ▶ Quarta-feira [25] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [27] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DOLGYE PROVODY

“O Longo Adeus”

de Kira Muratova

com Zinaida Sharko, Oleg Vladimirsky, Tatyana Mychko

URSS, 1971 – 97 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado em 1971 e proibido até aos anos da Perestroika no final da década seguinte, foi o filme que revelou ao mundo a existência de Kira Muratova entre os grandes nomes soviéticos do cinema moderno. Um romance sobre o amor e a solidão através da história de uma mãe solteira, do seu filho adolescente e do pai deste, um homem que abandonou a família anos antes. Formando um díptico com KOROTKE VSTRECHI / “BREVES ENCONTROS (1967)”, é a obra-prima de Muratova, um filme de extremo lirismo. Zinaida Sharko compõe extraordinariamente a personagem impulsiva e frágil da mãe. A última passagem na Cinemateca data de 1997.

- ▶ Sexta-feira [27] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [31] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DÉTECTIVE

de Jean-Luc Godard

com Nathalie Baye, Claude Brasseur, Johnny Halliday, Alain Cuny

França, Suíça, 1985 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nunca a ficção narrativa foi tão dinamitada, fragmentada, dilacerada, estrangulada, nunca as personagens deambularam tanto nos meandros de uma incompreensível história, nunca os lugares de passagem, quartos de hotel, átrios, lugares intermédios foram tanto os lugares da nossa inquietação. Da fase menos reconhecida de Jean-Luc Godard, este filme é seguramente o seu filme mais amargo e mais solitário até então, um adeus. Num texto sobre DÉTECTIVE, Jorge Silva Melo: “Aqui estamos na raiz da música, nas ruínas do cinema, no parti-pris que agora, tantos anos depois do PETIT SOLDAT e das citações de Ponge, é agora, moribundo, o parti-pris das sombras.”

JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO – CINEASTA DE PELE DURA



A

ntes de mais é de realçar o facto de – tanto quanto pudemos apurar – toda a obra de José Celestino Campusano (ou, como assinou até 2015, de José Campusano) ser totalmente inédita em Portugal. Houve, no entanto, um ensaio/crítica da autoria de Francisco Ferreira, publicado no jornal *Expresso* em 2018. Se Campusano (cineasta autodidata na verdadeira aceção da palavra) é um *outsider*, mesmo dentro do seu próprio país, muito mais o é na Europa. Foi alvo de uma retrospectiva no Festival de Roterdão em 2018 (único festival europeu que lhe tem prestado uma mais regular atenção) e pouco mais. Estudou cinema nos anos 80, fez-se à vida em mil outros ofícios e só decidiu começar a fazer cinema tarde, em 2005, aos 41 anos, já com uma forte experiência de vida acumulada. Os filmes de Campusano são cartografias épicas do chamado Conurbano Bonaerense, a imensa franja de território que circunda a capital Buenos Aires e onde se aglomeram mais de dez milhões de desfavorecidos, quase um quarto da população argentina. Os seus heróis prediletos são motoqueiros amantes de *heavy metal* e as suas mulheres endiabradas, e aquilo que frequentemente os circunda: traficantes de droga e proxenetas, tiros e facadas, mas também músicos vagabundos de “tango-trash” em ambientes de um *Mad Max* real. Esta malha urbana fixada por Campusano no seu cinema confunde-se com a ruralidade, com carros velhos, edifícios destruídos e baldios a perder de vista: há aqui toda uma ‘fauna’ herdeira de cineastas tão diferentes como Buñuel (de LOS OLVIDADOS), Pasolini ou Fassbinder, regida pelas suas próprias leis, na qual raramente se vê qualquer forma de autoridade do Estado, e que, no fundo, é consequência direta da falência socioeconómica do país. E no entanto, é com uma dignidade e uma nobreza assombrosas que Campusano filma estas personagens do submundo. Em VIL ROMANCE, representou a homossexualidade numa relação em que um amante seviciava o outro até ao insuportável. Com VIKINGO, descobriu no ator Rubén Beltrán um motoqueiro justiceiro com aura de John Wayne. FANGO tende para o melodrama de faca e alguidar com uma traição a pedir vingança de mulheres. Em FANTASMAS DE LA RUTA, o mesmo Rubén Beltrán resgata uma rapariga vendida à força para uma rede de prostituição: o filme tem mais de três horas mas vê-se como uma *soap opera* em velocidade de cruzeiro. E em EL SACRIFICIO DE NEHUÉN PUYELLI foi à Patagónia fazer um drama carcerário com a comunidade mapuche Ranquehue, as suas juras de lealdade e os seus códigos de honra secretos. A obra de Campusano permanece até hoje um dos segredos mais bem guardados do cinema contemporâneo, privilégio dos *happy few* que vão mantendo contacto regular com o que se faz de mais marginal no país das pampas. Por razões difíceis de explicar, raras vezes essa obra caiu na grelha dos festivais internacionais fora da Argentina, tão pouco no goto dos seus programadores bem-comportados, sempre alinhados na busca do mesmo ‘produto independente’ de prestígio. Campusano é o contrário disso. O seu cinema é sujo, excêntrico, carismático e bruto (como o nome da sua produtora), único na sua forma de ser humano. Todos os seus atores são escolhidos ora pela sua presença física ora pela sua experiência de vida próxima dos ambientes de submundo em que o cineasta habitualmente se move. Representam com uma desarmada espontaneidade, são figuras que não foram inventadas para o ecrã e, no ecrã, essa diferença é notória. Nas palavras de Campusano: “A interpretação pode parecer má mas eu quero que o corpo dos atores conte a verdade, em vez da técnica a contar mentiras.” O realizador estará presente em todas as sessões do ciclo entre os dias 19 e 24, havendo além disso, no final da projeção de HOMBRES DE PIEL DURA, uma conversa mais longa sobre a sua obra. Um acontecimento.

- ▶ Quinta-feira [19] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

VIL ROMANCE

de José Campusano

com Nehuén Zapata, Oscar Génova, Marisa Pájaro, Javier De la Veja

Argentina, 2008 – 105 min

legendado eletronicamente em português | M/16

com a presença do realizador

Roberto é um jovem gay, que vive com a mãe e a irmã menor, Alejandra. Passa os seus dias de desempregado deambulando, consciente de que a única coisa que pode oferecer e pedir aos seus jovens amantes são relações fugazes. Até que conhece Raúl, homem na casa dos 50, que o convida a viver em sua casa. A aparente harmonia quebra-se quando, como consequência das repetidas ausências de Raúl, Roberto se envolve numa relação casual com outro rapaz. A traição e os ciúmes farão com que a situação, pouco a pouco, se vá descontrolando.

JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO – CINEASTA DE PELE DURA

► Sexta-feira [20] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

VIKINGO

de José Campusano
com Rubén Orlando Beltán, Amando Galvalisi,
Alejandro Mendes, Natalia Rodriguez Gómez
Argentina, 2009 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/16

com a presença do realizador

Vikingo é um respeitado motociclista de vida dissoluta, mas paradoxalmente, rígido em relação à aplicação de certos princípios morais. Vikingo mantém uma permanente rivalidade com Villegas, que, pelo contrário, ostenta um profundo desprezo pela vida, a sua e a dos outros. Este débil equilíbrio desfaz-se com a chegada de Aguirre, um veterano motociclista vagabundo.

► Sexta-feira [20] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

FANGO

de José Campusano
com Oscar Génova, Claudio Miño, Olga Obregón
Argentina, 2009 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/16

com a presença do realizador

Nas poeirentas ruas dos inacessíveis bairros da zona sul da grande Buenos Aires, transitam dois músicos veteranos – El Brujo e El Indio – dispostos a levar o ritmo do tango ao extremo, fundindo-o com acordes de rock *trash*. Beatriz, companheira de El Brujo, mantém uma relação com Rubén, um homem casado. É a partir deste triângulo amoroso que se gera uma vingança entre mulheres.

► Sábado [21] 21:30 Sala M. Félix Ribeiro

EL PERRO MOLINA

de José Campusano
com Daniel Quaranta, Florencia Bobadilla, Ricardo Garino
Argentina, 2014 – 88 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Com a presença do realizador

EL PERRO MOLINA é uma reflexão sobre a decadência de Antonio Molina, um marginal veterano. Paralelamente uma crise afetiva que transtorna tanto o comissário Ibáñez, como Natalia, sua ex-companheira, contagia todos aqueles que de uma forma direta ou indireta se veem envolvidos. “A minha intenção é contar um drama que sirva como registro antropológico sobre o modo em que se estabelecem e se resolvem certos conflitos de índole passional, mas abordado a partir da ficção e através de uma linguagem poética audiovisual”, palavras do autor.

► Segunda-feira [23] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

CÍCERO IMPUNE

de José Celestino Campusano
com Yuri Montezuma, Sarah Jainy, Leonardo Lessin
Argentina, Brasil, 2017 – 60 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Com a presença do realizador

CÍCERO IMPUNE foi filmado na Amazônia profunda, no Rio Branco, no Estado do Acre. O filme relata uma história verídica, e descreve o maltrato à mulher e a secular arbitrariedade no exercício da justiça naquela região. Cícero é um violador que droga e abusa das mulheres que recorrem a ele em busca de apoio espiritual ou de sensações físicas. Os seus contactos com a polícia e políticos locais intimidam os familiares das suas vítimas. Mas não a todos.

► Terça-feira [24] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

HOMBRES DE PIEL DURA

de José Celestino Campusano
com Wall Xavier, Germán Tarantino,
Claudio Medina, Malena Majul Lieun
Argentina, 2019 – 96 min / legendado eletronicamente em português | M/16

após a projeção haverá uma conversa com o realizador

Ariel, um rapaz abusado em criança por um padre, vê-se agora – já adolescente – repudiado pelo agressor. O rapaz, desesperado, assume a sua condição sexual, seduzindo trabalhadores da fazenda de seu pai. Este, inconformado com a orientação sexual do filho, tenta por todos os meios que ele se relacione com o sexo feminino.

► Quinta-feira [26] 21:00 | Sala M. Félix Ribeiro

FANTASMAS DE LA RUTA

de José Campusano
com Rubén Beltrán, Mauro Galeano, Antonella Gómez,
Carlos Antonio Vuletich
Argentina, 2013 – 210 min / legendado eletronicamente em português | M/16

FANTASMAS DE LA RUTA põe em evidência todo o horror da cadeia de valores da prostituição com base no sequestro de raparigas e crianças na Argentina. Vikingo tem uma grande amizade com Mauro, o elemento mais novo do grupo de *motards*, a quem trata como filho. Mauro começa uma relação amorosa com a bela Antonella. Sergio, parente de Mauro, um pervertido e delinquente sexual que se dedica ao tráfico de seres humanos, rapta Antonella, para a vender a um bordel.

► Sábado [28] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PLACER Y MARTIRIO

de José Campusano
com Natacha Mendez, Rodolfo Ávalos, Juan Bautista Carreras,
Aldana Carretino
Argentina, 2015 – 101 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Delfina é uma bela mulher de 45 anos, que partilha a sua vida com o seu fiel marido e uma filha adolescente. Através de uma

Atenção
ao
horário

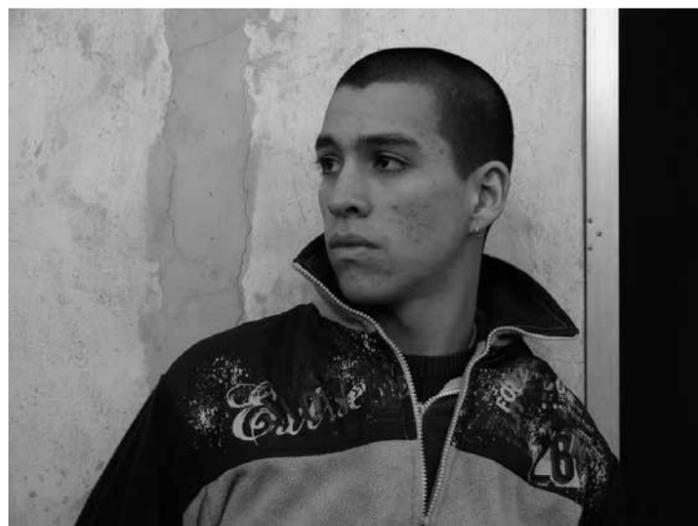
amiga, Delfina conhece Kamil, um suposto empresário, envolvido em operações financeiras duvidosas. Ambos estabelecem uma idílica relação amorosa. Mas Kamil é um manipulador tão hábil como cruel que, sempre em nome do amor, logra conduzir Delfina a um inexplicável nível de degradação física.

► Segunda-feira [30] 18:30 | Sala Luís de Pina

EL SACRIFICIO DE NEHUÉN PUYELLI

de José Celestino Campusano
com Chino Aravena, Damián Ávila, Ana Nuñez
Argentina, 2016 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/16

EL SACRIFICIO DE NEHUÉN PUYELLI é inspirado num caso real. Nehuén Puyelli é de origem mapuche e é o curandeiro da aldeia que, por denúncias anónimas (envenenar uma velha e violar uma jovem da classe alta), vai parar à mesma prisão em Río Negro, na Patagónia, onde Ramón Acre cumpre o último ano de uma longa pena. As forças corruptas da justiça e uns capangas ao serviço dos poderosos da região transformam por completo a vida destes dois homens.



SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO

Eram especiais os genéricos de filmes que vinham com a assinatura deste nova-iorquino formado em design e para quem a sua arte consistia em tornar visual o pensamento. Como sublinhou Martin Scorsese, as inesquecíveis *title sequences* pertencem aos filmes como um todo e têm o mérito de preservarem o seu mistério. O apelo de Bass para a criação de uma arte experimental decorrente do que definia como uma “abordagem visual sempre muito ‘reduzida’”, seguindo “a ideia mais simples”, dava conta dessa vontade de, por um lado, captar a essência do filme para o qual o genérico se destinava e, por outro, de acrescentar camadas de leitura que espicassem o imaginário do espectador. O seu trabalho desenvolvido na companhia de alguns dos maiores realizadores do seu tempo, tais como Otto Preminger, Alfred Hitchcock, Billy Wilder e, em colaboração com a sua mulher, Elaine Bass, “o fã” chamado Martin Scorsese, contribuiu para a criação de uma assinatura estilística muito distintiva: sob forte influência pictórica do modernismo, a composição gráfica de Bass costumava misturar animação com imagem real, reduzindo as intrigas a símbolos de linhas nítidas, bem como promovendo o lançamento de uma espécie de “mote estético” (tons, ambientes, sensações e humor) da obra em questão. A longa-metragem que assinou a solo, PHASE IV, atesta um gosto por formas sincréticas e uma provocadora noção de ritmo trabalhada tanto na banda de imagem como na de som. Esta ficção científica surrealista e ecológica tem ganho o estatuto de obra de culto em tempos recentes, sendo um dos filmes da primeira parte deste Ciclo, dividido entre os meses de março e abril, com dedicatória a Bass em ano do seu centenário.



- ▶ Segunda-feira [2] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [6] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

NORTH BY NORTHWEST

Intriga Internacional

de Alfred Hitchcock

com Cary Grant, Eva Marie Saint, James Mason, Leo G. Carroll

Estados Unidos, 1959 – 136 min / legendado em português | M/12

NORTH BY NORTHWEST, um dos filmes mais célebres de Hitchcock, é um prodígio de construção de suspense, com algumas das cenas mais famosas do mestre (a perseguição do avião, a corrida no monte Rushmore). O filme é também um autêntico repositório de todos os seus temas e obsessões, de todos os seus “jogos” e alusões eróticas e da exploração do tema do “falso culpado”, que está no cerne da sua obra. Os créditos de abertura concebidos por Saul Bass, que tiram proveito da estrutura geométrica da fachada de um grande edifício de “estilo internacional”, foram pioneiros do uso da chamada tipografia cinética, técnica que combina texto e movimento para transmitir uma sensação de dinamismo na imagem, aqui brilhantemente potenciada pela música de Bernard Herrmann.

- ▶ Segunda-feira [2] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [5] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CARMEN JONES

Carmen Jones

de Otto Preminger

com Dorothy Dandridge, Harry Belafonte, Olga James, Pearl Bailey, Joe Adams

Estados Unidos, 1954 – 104 min / legendado em português | M/12

Uma provocante “revisão” da ópera de Bizet, a partir da adaptação feita por Oscar Hammerstein II, que transforma a famosa cigana numa negra, e D. José num sargento do exército americano. Fabulosa fotografia de Sam Leavitt e Preminger num dos seus momentos altos. Destaque para a presença de Pearl Bailey, que entoa uma das mais famosas melodias, e para o genérico de Saul Bass, com a sua “rosa de fogo”. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [3] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [5] 18:30 | Sala Luís de Pina

PHASE IV

de Saul Bass

com Michael Murphy, Nigel Davenport, Lynne Frederick, Alan Gifford, Robert Henderson

Estados Unidos, 1973 – 84 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Saul Bass é porventura mais conhecido como autor dos fabulosos genéricos dos filmes de Preminger, Wilder, Hitchcock, Kubrick ou Scorsese, concebidos segundo as regras de um catálogo gráfico “de unidades abstratas” ao longo de 40 anos (por exemplo, as espirais e o olho de Kim Novak em VERTIGO), do que como realizador. PHASE IV foi a sua única longa-metragem, produzida dentro do modelo de género (a ficção científica) e dando largas a um espírito criativo a que se aliam o sentido plástico e de ritmo. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [3] 18:30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Segunda-feira [9] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

MR. SATURDAY NIGHT

Sábado à Noite

de Billy Crystal

com Billy Crystal, David Paymer, Julie Warner, Helen Hunt, Mary Mara, Ron Silver

Estados Unidos, 1992 – 119 min / legendado em português | M/12

Foi o salto definitivo de Billy Crystal do programa televisivo *Saturday Night Live* para o grande ecrã, aplicando em pleno a sua licenciatura em Realização Cinematográfica e Televisiva tirada na Universidade de Nova Iorque, onde contou com Martin Scorsese como professor. Crystal realiza, produz e é um dos argumentistas deste filme que desenha em arco a história de um comediante, Buddy Young Jr., que durante cinco décadas percorreu todos os palcos, tornando-se “the comic’s comic” e conhecendo alguns “monstros sagrados” da arte, como Jerry Lewis, aqui fazendo de si mesmo. O genérico, com a assinatura de Saul e Elaine Bass, ilustra com imagens repletas de todo o tipo de pratos caseiros “muito judeus” as palavras de Buddy Young Jr. enquanto recorda os apetitosos anos da sua infância, maioritariamente passados em família e à mesa.

- ▶ Terça-feira [3] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [4] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE AGE OF INNOCENCE

A Idade da Inocência

de Martin Scorsese

com Daniel Day-Lewis, Michelle Pfeiffer, Winona Ryder, Alexis Smith, Geraldine Chaplin

Estados Unidos, 1993 – 139 min / legendado em espanhol | M/12

Scorsese adapta o clássico de Edith Wharton e filma mais uma vez Nova Iorque. Desta vez a ação situa-se no fim do século XIX, quando a sociedade nova-iorquina vivia espalhada pelos costumes e substituía as paixões pelas convenções sociais. Michelle Pfeiffer é a mulher que regressou da Europa e cuja atitude se confronta com esse rigor social. Sobre a sequência de abertura desenhada por Saul Bass, com uma sensualíssima série de fundidos-encadeados de flores a desabrochar, Scorsese confidenciou: “Tudo estava ali. Era a essência do filme que queria fazer: o desejo, o sentimento de uma paixão escondida.” A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [18] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [31] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

WEST SIDE STORY

Amor Sem Barreiras

de Robert Wise, Jerome Robbins

com Natalie Wood, Richard Beymer, George Chakiris, Rita Moreno, Russ Tamblyn, Simon Oakland

Estados Unidos, 1961 – 151 min / legendado em português | M/12

Uma superprodução que teve imenso êxito internacional e apontou para uma renovação do musical americano. Conta Robert Wise que Jerome Robbins, o coreógrafo, “ficou intrigado com a ideia de filmar os números de dança nas ruas de Nova Iorque, mas percebeu que se tratava de um grande desafio, porque se iriam contrastar as suas mais estilizadas coreografias com os ambientes mais realistas do filme”. A esta aposta formal junta-se a da reavaliação de *Romeu e Julieta* no confronto entre bandos juvenis de Manhattan. A música é de Leonard Bernstein e o fabuloso genérico de abertura, com os nomes da equipa de produção marcados a giz numa parede ou nos sinais da cidade, é da autoria de Saul Bass.

DOUBLE BILL

Organizamos o Double Bill de março à volta do ciclo das quatro estações do ano e das suas respetivas idiossincrasias meteorológicas e simbólicas, uma temática que o cinema tantas vezes trabalhou de forma metafórica mas também como matéria primeira da narrativa. Entre tantos filmes e realizadores, Éric Rohmer foi um dos que mais refletiu sobre a questão, tendo dedicado às quatro estações do ano uma das suas famosas séries para além de outros filmes que, menos explicitamente, traduzem uma particular sensibilidade à complexidade da relação entre o tempo, as personagens e as histórias. Neste março primaveril de 2020 (ano de centenário redondo do realizador), lançamos rimas entre os contos das quatro estações de Rohmer com outros quatro filmes de outros tantos realizadores que aproveitam a “personalidade” de cada estação do ano para vincar uma particular tonalidade da narrativa. Assim, as promessas da primavera são aludidas tanto em CONTE DE PRINTEMPS de Rohmer como no filme de BANSHU de Ozu (cineasta em que também a cadência do ciclo das estações do ano tantas vezes prolonga o estado de espírito das personagens e situações), mas com evidente disparidade de expectativas. A languidez e o calor do verão ao pé do mar encontra tanto em CONTE D'ÉTÉ como em UNA DOMENICA D'AGOSTO, de Luciano Emmer, uma expressão ligada aos corpos, amores e desejos juvenis. CONTE D'AUTOMNE e HANNAH AND HER SISTERS, de Woody Allen, dão a ver a chegada de uma maturidade outonal a um conjunto de personagens femininas marcadas pelas suas ligações sentimentais. CONTE D'HIVER e ALL THAT HEAVEN ALLOWS, de Douglas Sirk, têm na neve e no frio do inverno, o pano de fundo de amores perdidos e reencontrados.



► Sábado [7] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CONTE DE PRINTEMPS

Conto de Primavera

de Eric Rohmer

com Anne Teyssèdre, Hugues Quester, Florence Darel

França, 1993 – 107 min / legendado em português | M/12

BANSHUN

Primavera Tardia

de Yasujiro Ozu

com Chishu Ryu, Setsuko Hara, Haruko Sugimura

Japão, 1949 – 107 min / legendado em português | M/12

Duração total da projeção: 214 minutos

Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Apreciador dos filmes realizados em série, era natural que Rohmer adotasse o tema genérico das quatro estações, que permite a elaboração de uma série coerente, com diversas possibilidades de variações nas situações dramáticas e nos temas visuais. Nasceram assim os seus *Contos das Quatro Estações*. Em CONTE DE PRINTEMPS, como no CONTE D'ÉTÉ, temos um homem às voltas com três mulheres, mas trata-se de um adulto e não de um adolescente e a situação não é passageira, de férias. Tudo se passa com a perfeição e o rigor que são a marca do cinema de Rohmer, profundamente enraizado nas tradições do teatro clássico francês. O filme é “como uma partitura musical, cujos movimentos se sucedem com a mesma precisão geométrica com que as personagens são dispostas no argumento” (Giancarlo Zappoli). BANSHUN é o filme que inaugura o período final da obra de Ozu, as obras de grande maturidade que o fizeram conhecer tardiamente no estrangeiro. É a partir daqui que no seu cinema a trama narrativa se torna rarefeita e o estilo visual se depura ao máximo: raríssimos movimentos de câmara, ausência total de panorâmicas, sequências ligadas unicamente por cortes e a celeberrima posição da câmara (a “câmara Ozu”), quase sempre a mesma, à altura de uma pessoa sentada no chão, à japonesa. E como sempre, neste período final, Ozu conta histórias de separação e resignação, histórias de mudanças e da passagem do tempo. A apresentar em cópia digital.

► Sábado [14] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CONTE D'ÉTÉ

Conto de Verão

de Eric Rohmer

com Melvil Poupaud, Amanda Langlet, Aurélia Nolin

França, 1996 – 114 min / legendado em português | M/12

UNA DOMENICA D'AGOSTO

Domingo de Agosto

de Luciano Emmer

com Anna Baldini, Vera Carmi, Emilio Cigoli, Marcello Mastroianni, Massimo Serato

Itália, 1950 – 88 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Duração total da projeção: 202 minutos

Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Nos dez anos que vão de O RAI VERDE a CONTO DE VERÃO, Rohmer interessou-se por personagens cada vez mais jovens e, por conseguinte, indefinidas. O contexto narrativo de CONTE D'ÉTÉ, um dos “Contos das Quatro Estações”, é próximo do de PAULINE À LA PLAGE: as personagens não recapitulam o que se passou, como nos “Contos Morais”, nem têm teorias literárias sobre a vida, como nas “Comédias e Provérbios”. Não dominam os acontecimentos, deixam-se levar. Neste caso, trata-se de um rapaz em férias, em permanente hesitação entre três raparigas, com quem marca encontros simultâneos. Filme do calor e da juventude, CONTO DE VERÃO guarda a ligeireza da estação e o rasto da comédia burlesca. Obrigatório em qualquer ciclo de filmes sobre o verão, UNA DOMENICA D'AGOSTO é porventura um dos mais extraordinários filmes de Luciano Emmer, que assinava aqui apenas a sua primeira longa-metragem. Tudo se passa num único dia e praticamente só num local, um domingo de agosto na praia de Ostia, onde parecem acorrer todos os habitantes de Roma – velhos e novos, ricos, pobres e assim assim –, num panorama social diversificado que é uma reveladora miniatura da sociedade italiana do pós-guerra e dos seus sonhos. Uma comédia de costumes de uma enorme inventividade e agilidade (desde o notável trabalho de câmara a um conjunto muito alargado de atores, incluindo estreados, tocados pela graça) com cenas da luta de classes à beira-mar em tom mais terno do que o neo-realismo nos habituou (Cesare Zavattini é um dos autores do argumento). Primeira exibição na Cinemateca.

► Sábado [21] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CONTE D'AUTOMNE

Conto de Outono

de Eric Rohmer

com Marie Rivière, Béatrice Romand

França, 1998 – 110 min / legendado em português | M/12

HANNAH AND HER SISTERS

Ana e as Suas Irmãs

de Woody Allen

com Woody Allen, Michael Caine, Mia Farrow, Barbara Hershey, Maureen O'Sullivan

Estados Unidos, 1986 – 107 min
legendado em português | M/12

Duração total da projeção: 217 minutos

Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Para muitos, o mais conseguido dos *Contos das Quatro Estações*, no qual Rohmer abandona as personagens muito jovens e pouco “sábias” do CONTO DE VERÃO e mostra duas protagonistas quadragenárias, na Provença. As atrizes foram protagonistas de outros filmes seus, O RAI VERDE e O BOM CASAMENTO, e podemos considerar que Rohmer retoma as mesmas personagens, com quinze anos de intervalo. O que era dúvida, pura atitude, contradição entre sistemas e realidades, resolve-se neste filme da harmonia, da reconciliação, que sem nada ter de fúnebre, pode ser visto como um filme-testamento de um cineasta quase octogenário, um balanço harmonioso da sua obra. HANNAH AND HER SISTERS, um dos filmes mais complexos de Woody Allen, cuja ação decorre ao longo de várias celebrações do dia de Ação de Graças acompanhando a evolução das relações entre três irmãs, os seus maridos ou ex. Relações marcadas por separações e enganos, decepções e neuroses várias. O mundo neurótico de Woody Allen no seu melhor. A cidade Nova Iorque, cenário inevitável dos filmes de Allen até há poucos anos, surge magistralmente pintada em tons outonais pela fotografia de Carlo Di Palma.

► Sábado [28] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CONTE D'HIVER

Conto de Inverno

de Eric Rohmer

com Charlotte Véry, Frédéric Van Den Driessche, Hervé Furic

França, 1991 – 110 min / legendado em espanhol | M/12

ALL THAT HEAVEN ALLOWS

O Que O Céu Permite

de Douglas Sirk

com Jane Wyman, Rock Hudson, Agnes Moorehead, Conrad Nagel

Estados Unidos, 1955 – 89 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Duração total da projeção: 199 minutos

Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Neste fecho do ciclo das estações por Rohmer, que é na realidade o segundo “episódio” da série, as personagens não pertencem ao meio social habitual do cinema do realizador e os atores são amadores. Há porém no filme a visão da vida como extensão da literatura, típica das personagens rohméricas: uma representação do *Conto de Inverno*, de Shakespeare, dá à protagonista a certeza de poder reencontrar o homem que amara e que perdera de vista. Um dos grandes filmes de Douglas Sirk dos anos 50, ALL THAT HEAVEN ALLOWS é um objeto do mais extremo artifício, mas é-o de modo consciente e assumido. Jane Wyman é uma viúva, ainda jovem, numa pequena cidade da Nova Inglaterra e Rock Hudson, um jardineiro cerca de 15 anos mais novo, torna-se seu amante. Apesar da oposição dos filhos da viúva e dos habitantes da cidade, o amor acaba por triunfar, num irónico “happy end”. Ironia que se estende a uma das mais celebradas cenas do filme, a mais gélida noite de Natal que o cinema já filmou.

HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS

Prosseguimos o percurso pelos anos 40 da nossa cinematografia com um título assinado por Armando de Miranda que conheceu à época um assinalável êxito comercial. JOSÉ DO TELHADO romanceia a vida aventurosa do assim chamado militar e famoso salteador que, na segunda metade do século XIX, ganhou fama de Robin dos Bosques português.

► Segunda-feira [2] 18:30 | Sala Luís de Pina

JOSÉ DO TELHADO

de Armando de Miranda

com Virgílio Teixeira, Adelina Campos, Juvenal de Araújo

Portugal, 1945 – 86 min | M/12

As aventuras do famoso salteador e chefe de quadrilha José Teixeira da Silva (o lendário José do Telhado, interpretado com panache por Virgílio Teixeira) que a justiça condenou pelos seus crimes e a alma popular elevou e acarinhou pelas suas virtudes (Rino Lupo tinha assinado uma primeira versão em 1929). Casado com a prima Aninhas, vencida a resistência do pai, devido à fama do seu heroísmo durante a época das primeiras lutas liberais, José do Telhado é abandonado pelas suas hostes. Desiludido e sem recursos, acaba por ceder aos rogos de “Boca Negra”, chefe duma quadrilha que infesta a região, para lhe suceder na liderança, pois sente-se velho. Após audaciosos assaltos, de cujo produto passam a beneficiar os pobres, José do Telhado será preso devido à traição do seu lugar-tenente, José Pequeno, deixando desamparados Aninhas e o filho.



O QUE QUERO VER

as escolhas dos espectadores da Cinemateca

► Segunda-feira [2] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

HUO ZHE

Viver

de Zhang Yimou

com Ge You, Gong Li, Niu Ben, Guo Tao, Jiang Wu

China, Hong Kong, 1994 – 133 min / legendado em português | M/12

A partir da história de uma família, Zhang Yimou faz o retrato da China e das suas convulsões sociais e políticas ao longo de duas décadas, anos 50 e 60 do século passado, período longo associado à Revolução Cultural levada a cabo por Mao Tsé-Tung. Zhang, que havia tido problemas com o Partido Comunista, procurava nesta altura lavar a sua imagem, ganhando distância sobre filmes recentes de realizadores seus contemporâneos, tais como Chen Kaige e Tian Zhuangzhuang. Confidenciou, nas poucas entrevistas que deu a propósito da estreia deste título, que pretendia enfatizar não a tragédia do povo chinês, mas a força e generalizado sentido de humor com que este tem enfrentado as dificuldades da vida.

INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável”
(João Bénard da Costa)

► Terça-feira [3] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA MARIÉE ÉTAIT EN NOIR

A Noiva Estava de Luto

de François Truffaut

com Jean-Claude Brialy, Jeanne Moreau, Michel Bouquet

França, Itália, 1967 – 107 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Adaptação do romance *The Bride Wore Black*, de um dos autores policiais favoritos de Truffaut, Cornel Woolrich/William Irish (também autor de REAR WINDOW), LA MARIÉE ÉTAIT EN NOIR é a história da vingança de uma mulher sobre vários homens responsáveis pela morte do seu noivo no dia do casamento. Outro nome de ressonâncias hitchcockianas, Bernard Herrmann, assina a banda sonora.



CINENOVA

Em colaboração com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Estamos na antecâmara da segunda edição do CINENOVA, festival interuniversitário de Cinema e Conhecimento, organizado por alunos e professores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A iniciar no dia 5 de março, o CINENOVA exhibe uma seleção de curtas-metragens provenientes dos quatro cantos do mundo, uma variedade que reflete diferentes modos de transmissão do conhecimento e intervenção na sociedade. Como foi já apanágio da primeira edição, realizada em fevereiro de 2019, privilegiam-se também agora as formas do documentário e do ensaio cinematográficos, sendo esta sessão de lançamento paradigmática de um cinema que se dá a ver e entender como via de reflexão e crítica: **FORDLÂNDIA MALAISE** e **UM RAMADÃO EM LISBOA** espelham a urgência de fomentar um cinema que nos faça meditar sobre o nosso lugar no mundo, reconhecendo no “outro” – paisagem ou pessoa – um espaço de descoberta e partilha.



▶ Quarta-feira [4] 18:30 | Sala Luís de Pina

FORDLÂNDIA MALAISE

de Susana de Sousa Dias

Portugal, 2019 – 40 min

UM RAMADÃO EM LISBOA

de Raquel Carvalheira, Catarina Alves Costa, Teresa Costa, Carlos Lima, Joana Lucas, Amaya Sumpsi

Portugal, 2019 – 68 min / legendado em português

Duração total da sessão: 108 minutos | M/12

com a presença dos realizadores

Uma experiência multimédia de Susana de Sousa Dias sobre uma cidade do futuro, mas sem futuro, fundada em 1929 por Henry Ford em plena floresta amazónica – é este o décor “impossível” de **FORDLÂNDIA MALAISE**, obra que, de modo surpreendente, mistura imagens de arquivo com extraordinários planos filmados recorrendo a drones. Esta curta-metragem marca a entrada de Susana de Sousa Dias numa nova fase da sua obra: libertada do tema do Estado Novo em Portugal, mas ainda assombrada pelo estudo das formas de poder e submissão ao longo da história, que, no caso, remetem para o passado colonial tal como vertido na paisagem brasileira. **UM RAMADÃO EM LISBOA** é uma obra coletiva que documenta como um grupo de muçulmanos vivendo em Lisboa enfrenta o mês de jejum, do frenesim dos primeiros dias ao desgaste final. Uma equipa de realização predominantemente feminina “sai à rua” cruzando e dando rostos vários a uma realidade não tão distante ou exótica quanto podemos pensar.

ANTE-ESTREIAS

Duas longas-metragens preenchem a rubrica de ante-estreias em março trazendo de volta à Cinemateca as mais recentes obras de realizadores cujos trabalhos anteriores já aqui têm sido apresentado. Albert Serra mostra

LIBERTÉ, co-produção da portuguesa Rosa Filmes que terá depois estreia comercial em Portugal. **CHECKPOINT BERLIN**, de Fabrizio Ferraro (de quem a Cinemateca exibiu em 2018 **LES UNWANTED DE EUROPA**), é apresentado numa sessão simultânea organizada em vários países com cinematecas e festivais envolvidos menos de dois meses depois da sua estreia mundial no festival de Roterdão.

▶ Sábado [7] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LIBERTÉ

de Albert Serra

com Helmut Berger, Marc Susini, Iliana Zabeth

Espanha, Alemanha, França, Portugal, 2009 - 132 min
legendado em português | M/16

com a presença do realizador

Albert Serra, realizador bem conhecido dos espectadores da Cinemateca (onde já esteve por mais do que uma vez a apresentar projeções de filmes seus), dá continuidade a **LA MORT DE LOUIS XIV** com um novo olhar sobre a aristocracia europeia, nas vésperas da Revolução Francesa. Um grupo de libertinos em viagem dedica-se durante uma noite a um cerimonial de “jeu de massacre”, pleno de elementos “sadeanos”. Prolongamento do olhar de Serra sobre a história e a cultura europeias que já vem pelo menos de **HISTORIA DE LA MEVA MORT**, **LIBERTÉ** vai ainda, como o filme sobre **LOUIS XIV** fazia com Jean-Pierre Léaud, buscar um vulto mais ou menos lendário para encabeçar o elenco: desta vez o “viscontiano” Helmut Berger, que interpreta o protagonista Duque de Walcher.

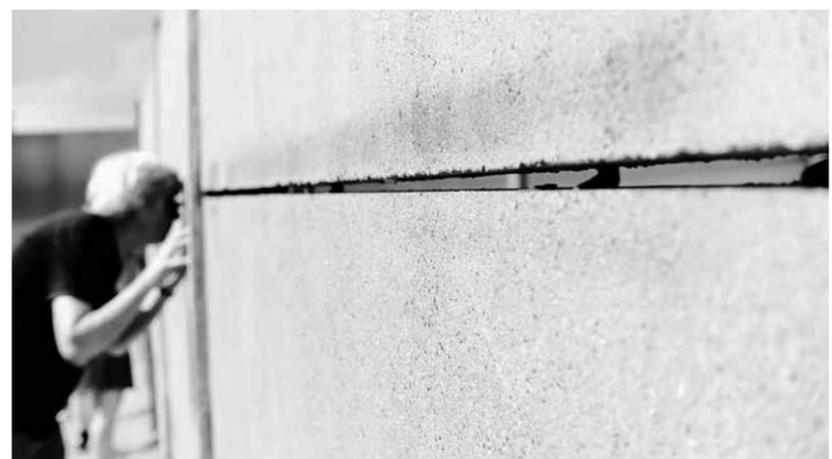
▶ Quarta-feira [18] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

CHECKPOINT BERLIN

de Fabrizio Ferraro

Itália, 2020 - 64 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Fabrizio Ferraro, de quem esta é a quarta longa-metragem, é um dos nomes do documentarismo italiano revelados ao longo da última década. Os seus filmes lidam habitualmente com temas e elementos colhidos na história política e social da Europa contemporânea, e este não é exceção. Filmado em Berlim, segue os traços do Muro (incluindo as ruínas que ainda existem), na esteira de um velho realizador que deambula pela cidade rememorando episódios da sua vida. Imagens de arquivo, imagens contemporâneas, segmentos ficcionados: Ferraro articula material de natureza diversificada para uma reflexão melancólica sobre um ponto (ainda) nevrálgico da Europa política.



GUIÕES – Festival do Roteiro de Língua Portuguesa

Entre os próximos dias 11 e 13 de Março irá decorrer a 6ª edição do GUIÕES - Festival do Roteiro de Língua Portuguesa. Com atividades no Cinema São Jorge, Cinemateca Portuguesa e Universidade Lusófona, o festival que nasceu para ligar argumentistas e produtores de língua portuguesa apresenta um programa diverso e completo e tem este ano o seu foco nas narrativas episódicas. As duas sessões programadas na Cinemateca – BONI BONITA e HELEN – dão a ver em primeira apresentação em Portugal, dois filmes que passaram pelo festival enquanto guião e que entretanto já foram produzidos.

▶ Quarta-feira [11] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

BONI BONITA

de Daniel Barosa
com Guilherme Lobo, Allin Salas,
Caco Ciocler, Ney Matogrosso
Brasil, Argentina, 2018 – 83 min | M/12

sessão com apresentação

Com uma carreira já significativa no campo do documentário e da curta-metragem, Daniel Barosa estreia-se na realização de uma longa-metragem de ficção. O amor à música é indissociável ao longo da carreira deste realizador formado na Universidad del Cine na Argentina mas radicado na sua cidade natal, São Paulo. Se a sua longa-metragem documental, GRU-PDX, acompanhava uma banda *indie* brasileira, Quarto Negro, pela sua digressão por terras do Tio Sam, esta ficção é um *boy meets girls* dividido entre a Argentina e o Brasil, ou melhor, entre uma adolescente atormentada e um jovem adulto que ambiciona tornar-se um músico tão bom quanto o seu avô. Obra repleta de texturas rodada, numa parte considerável, em 16mm.

▶ Quinta-feira [12] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

HELEN

de André Meirelles Collazzi
com Thalita Machado do Nascimento,
Marcelia Cartaxo, Tony Tornado
Brasil, 2019 – 98 min | M/12

com a presença do realizador

O argumentista André Meirelles Collazzi tinha um projeto antigo: o de contar uma história ambientada no Bixiga, um dos mais tradicionais bairros de São Paulo. Thalita Machado do Nascimento foi escolhida, entre 400 meninas aspirantes a atrizes, para protagonizar a história de uma rapariga e sua avó (interpretada por Marcelia Cartaxo). Alimenta Helen o objetivo de lhe comprar um kit de maquilhagem – eis um modo de fugir à dureza da realidade num filme, todo ele filtrado pelo olhar de uma criança, que dá espaço à improvisação enquanto procura fazer das deambulações da sua protagonista pelo bairro uma parte importante da narrativa.



MOSTRA UBI

A Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, onde são leccionados os cursos de licenciatura e mestrado em Cinema, celebra em 2020 o seu vigésimo aniversário. Em março, para assinalar a efeméride, uma mostra de cinema produzido na UBI é apresentado em algumas cidades do país. A Cinemateca acolhe a sessão a realizar em Lisboa desta mostra, numa sessão que reúne uma seleção de sete filmes realizados nos anos letivos de 2013 a 2017.

▶ Segunda-feira [16] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

DIZ-ME

de Mariana Teixeira
Portugal, 2017 – 3 min

SUSSURRO

de Fernando Cabral
com Carla Maciel, Ana Filipa Pedro
Portugal, 2013 – 15 min

EM VEZ DE MIMOS, SEMEAVA OVOS NAS COSTAS

de Laura Vilares
Portugal, 2014 – 3 min

LEMBRANÇAS DA VIDA MODERNA

de Inês Soares
com Luciana Sanhudo, Pedro Amaral,
José Carlos Monsanto, Marta Ramos
Portugal, 2017 – 20 min

EM VEZ DE PALAVRAS, O VENTO

de Tiago Damas
com Bernardo Santo Tirso e Inês Capelo
Portugal, 2017 – 15 min

PELE DE CORDEIRO

de Flávio Ferreira
com João Pisco, Sandra Vieira
Portugal, 2015 – 6 min

CRIADOS NA SERRA

de Maria Inês Santos
com Benjamin Morais, Espírito Santo Alau, Maria das Graças
Neves, Maria José Marinheira
Portugal, 2017 – 11 min
duração total da sessão: 73 min | M/12

sessão com apresentação

Assinalando os vinte anos da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, onde funcionam os cursos de licenciatura e mestrado em Cinema, esta sessão apresenta uma seleção de filmes produzidos nesses dois cursos nos últimos anos. De tipologias e géneros diversos, com orçamentos e recursos distintos, a sessão reúne um conjunto de sete obras de vários géneros (da ficção à animação experimental e ao filme-ensaio) que pretendem mostrar um pouco da diversidade e da criatividade do cinema produzido na Universidade da Beira Interior na última década. A sessão terá a presença de alguns dos realizadores e elementos das equipas dos filmes.



IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO) A MONSTRA NA CINEMATECA

Em colaboração com MONSTRA Festival de Animação de Lisboa

Em nova colaboração com a MONSTRA, este ano na sua 20ª edição, a decorrer em Lisboa entre 18 e 29 de março em vários espaços da cidade de Lisboa, a Cinemateca apresenta um programa de cinema de animação em cinco sessões (para além das duas sessões da Monstrinha a decorrer na Cinemateca Júnior no Salão Foz também referidas neste jornal). No ano em que o festival festeja os seus primeiros vinte anos com uma programação particularmente festiva e que celebra a riqueza e a importância da animação na história do cinema, mostramos cinco grandes clássicos intemporais assinados por grandes mestres da animação mundial: Jiří Trnka, Ladislav e Irène Starevich, Paul Grimault, Jiri Barta e Dave Borthwicka.

▶ Segunda-feira [23] 18:30 | Sala Luís de Pina

LE ROMAN DE RENARD

de Ladislav e Irène Starevich
França, 1937 - 65 min / legendado eletronicamente em português | M/6

sessão com apresentação

Ladislav Starevich (1882-1965) foi um dos pioneiros do cinema de animação europeu, e em particular do filme de marionetas em *stop motion*. Nascido em Moscovo, exilou-se em Paris depois da revolução de 1917, e foi em França que desenvolveu o essencial da sua obra. LE ROMAN DE RENARD, co-realizado com a sua mulher e principal colaboradora Irène, baseado em lendas medievais, é um dos seus títulos mais famosos, e uma das primeiras longas-metragens que usam a técnica do *stop motion*. Na versão original as vozes estavam a cargo de atores importantes do cinema francês da época, como Claude Dauphin ou a renoiriana Sylvia Bataille. Primeira apresentação, em cópia digital, na Cinemateca.



Terça-feira [24] 18:30 | Sala Luís de Pina

DOBRY VOJAK SVEJK

"O Valente Soldado Schweik"

de Jiří Trnka

com Jan Werich (narração)

Checoslováquia, 1955 - 76 min / legendado eletronicamente em português | M/6

sessão com apresentação

Jiří Trnka (1912-1969) é um dos mais célebres cineastas europeus de animação, e principal representante de uma cinematografia, como a da antiga Checoslováquia, com fortíssima tradição no género. Trabalhando sobretudo com marionetas e em *stop-motion*, Trnka dirigiu várias adaptações literárias, sendo bastante recordado o seu SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO. Muito famoso é igualmente este seu trabalho sobre o livro homónimo de Jaroslav Hasek. A apresentar em cópia digital.

Quarta-feira [25] 18:30 | Sala Luís de Pina

LE ROI ET L'OISEAU

O Rei e o Pássaro

de Paul Grimault

França, 1980 - 87 min / legendado eletronicamente em português | M/6

sessão com apresentação

Ativo entre os anos 1930 e o final da década de 1980, Paul Grimault foi um dos principais autores do cinema francês de animação, sobretudo no formato da curta-metragem. LE ROI ET L'OISEAU é uma das suas três únicas longas, e porventura a mais célebre. Autêntico "projeto de uma vida", o filme, baseado numa história de H.C. Andersen, começou a ser preparado nos anos 1940, mas apenas ficou pronto a ser estreado à entrada dos anos 1980, com bastante sucesso. A apresentar em cópia digital.

Quinta-feira [26] 18:30 | Sala Luís de Pina

KRYSAR

"O Flautista"

de Jiri Barta

Checoslováquia, 1986 - 53 min / legendado eletronicamente em português | M/6

sessão com apresentação

Jiri Barta (nascido em 1948) é hoje uma das figuras de destaque da tradição checa de animação, e este KRYSAR, baseado nas aventuras do *Flautista de Hamelin*, um momento particularmente importante da sua obra. Estreado em Cannes em 1986, o filme notabiliza-se pelo uso e inspiração de motivos visuais colhidos na história da arte, desde a pintura medieval ao expressionismo germânico. Primeira apresentação, em cópia digital, na Cinemateca.

Sexta-feira [27] 18:30 | Sala Luís de Pina

THE SECRET ADVENTURES OF TOM THUMB

de Dave Borthwick

Reino Unido, 1993 - 60 min / legendado eletronicamente em português | M/6

sessão com apresentação

As *Aventuras do Pequeno Polegar* vistas pelo britânico Dave Borthwick, num filme que colhe tanto na tradição da animação como na história do cinema de terror. Cruzando vários tipos de animação - desenho, *stop motion* - com a presença de actores de carne e osso, TOM THUMB cria um ambiente invulgar e surrealizante, que obedece apenas à singular visão de Borthwick. Primeira apresentação, em cópia digital, na Cinemateca.

COM A LINHA DE SOMBRA

A Cinemateca associa-se à livraria Linha de Sombra para o lançamento do novo livro de fotografia de António Júlio Duarte, *Against the Day*, o quinto publicado pelas edições Pierre von Kleist. Com fotografias feitas por António Júlio Duarte nos Estados Unidos entre 2009 e 2018, *Against the Day* é um fortíssimo ensaio visual sobre uma iconografia americana menos reconhecível. A pretexto deste lançamento e imediatamente antes da apresentação do livro na Linha de Sombra, a Cinemateca exhibe o extraordinário WANDA, único filme realizado pela atriz e argumentista Barbara Loden.

Segunda-feira [30] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

WANDA

Wanda

de Barbara Loden

com Barbara Loden, Michael Higgins,
Charles Dosiman, Frank Jourdano

Estados Unidos, 1971 - 102 min

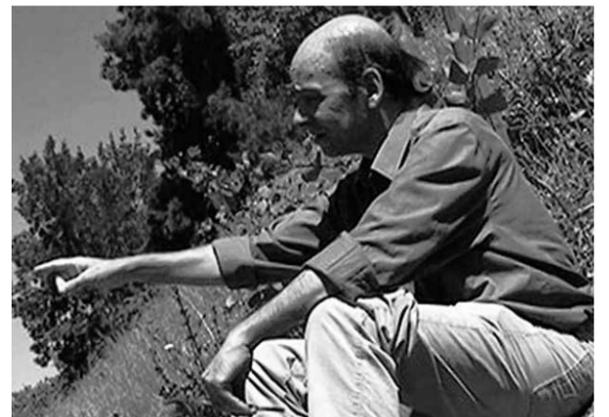
legendado em francês e eletronicamente em português | M/16

com a presença de António Júlio Duarte

Um belíssimo *road movie* dentro da produção independente americana, que descreve a deriva de uma personagem, interpretada pela própria realizadora, numa América de miséria e derrota. Loden foi aluna de Kazan no Actor's Studio e com ele trabalhou como atriz em WILD RIVER e em SPLENDOR IN THE GRASS em que fazia de irmã perdida de Warren Beatty. Três anos depois casou com Kazan e com ele ainda trabalhou como colaboradora em argumentos, para além do seu trabalho como atriz de teatro e da autoria de algumas peças teatrais. Faleceu em 1980 com apenas 48 anos mas deixou-nos este seu único filme que é um retrato frágil e singular, magnífico e vigoroso de uma sociedade triste e pardacenta, indiferente aos *losers* que ela própria criou e que não se encaixam no "American way of life".

IN MEMORIAM JOSÉ LOPES

José Lopes (1958-2019) foi um ator raro e de percurso invulgar. Formado em Antropologia, cedo lhe preferiu o teatro, e trabalhou com Rogério de Carvalho, Adolfo Gutkin ou Luís Miguel Cintra. Encenou e interpretou a peça *Eu, Antonin Artaud*, e teve funções de docência da disciplina de direção de atores na Escola Superior de Teatro e Cinema. Homem generoso, cinéfilo apaixonado (durante muito tempo foi espectador assíduo das sessões da Cinemateca), nos últimos anos deu muito de si a um grupo de jovens cineastas, cujos filmes protagonizou, filmes que, nalguns casos, eram construídos à sua medida, como ofertas a retribuírem a sua generosidade. É o caso dos dois filmes a apresentar nesta sessão, de João Rodrigues e José Oliveira, que são também dois exemplos das profundas generosidade e genuinidade com que José Lopes se entregava a tudo aquilo em que acreditava.



Segunda-feira [30] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ENSEMBLE JER, OS ANOS 90

Leonor Areal

Portugal, 1992-1999 - 8 min

DÁ-ME UMA GOTINHA DE ÁGUA

José Oliveira

Portugal, 2013 - 5 min

GLAZE

Clara Jost

Portugal, 2018 - 14 min

IR E VIR

de José Oliveira

Portugal, 2011 - 7 min

ADEUS LISBOA

de João Rodrigues

com José Lopes, João Rodrigues

Portugal, 2012 - 20 min

MAIO MADURO MAIO

de José Oliveira

Portugal, 2015 - 9 min

LONGE

de José Oliveira

com José Lopes, Luísa Braga, Rui Carvalho

Portugal, 2016 - 36 min

duração total da sessão: 99 min | M/12

com as presença de José Oliveira,
Mário Fernandes, Clara Jost e Marta Ramos

ADEUS LISBOA é o filme de um reencontro entre um pai e um filho, em Lisboa, estando o primeiro doente. LONGE, o filme de José Oliveira que mais projeção obteve (foi seleccionado para o festival de Locarno), conta outra história de viagens e reencontros: um homem solitário chega à cidade, revisita pessoas e lugares, e volta a partir. Em ambos, o protagonista é José Lopes, ator de uma entrega que funde tudo, corpo real e corpo ficcional. A sessão inclui ainda alguns vídeos musicais e outras curtas-metragens feitas em âmbito escolar, sempre com a participação de José Lopes.

2 SEGUNDA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
NORTH BY NORTHWEST
Alfred Hitchcock
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS
JOSÉ DO TELHADO
Armando de Miranda
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
CARMEN JONES
Otto Preminger
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER
HUO ZHE / Viver
de Zhang Yimou

3 TERÇA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
PHASE IV
Saul Bass
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
MR. SATURDAY NIGHT
Billy Crystal
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
THE AGE OF INNOCENCE
Martin Scorsese
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJECTIVÁVEL
LA MARIÉE ÉTAIT EN NOIR
François Truffaut

4 QUARTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
THE AGE OF INNOCENCE
Martin Scorsese
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | CINENOVA
FORDLÂNDIA MALAISE
Susana Sousa Dias
Um RAMADÃO EM LISBOA
vários realizadores
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
RIO BRAVO
Howard Hawks
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP
Abbas Kiarostami

5 QUINTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
CARMEN JONES
Otto Preminger
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
PHASE IV
Saul Bass
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
ODD MAN OUT
Carol Reed
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
IL SOSPETTO
Francesco Maselli

6 SEXTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
THE PATSY
Jerry Lewis
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
ODD MAN OUT
Carol Reed
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
NORTH BY NORTHWEST
Alfred Hitchcock
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
LE RAYON VERT
Éric Rohmer

7 SÁBADO

- 15:00** | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
A MENINA DA RÁDIO
Arthur Duarte
- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL
CONTE DE PRINTEMPS
Éric Rohmer
BANSHUN / Primavera Tardia
Yasujiro Ozu
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA
LIBERTÉ
Albert Serra

9 SEGUNDA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
MR. SATURDAY NIGHT
Billy Crystal
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
IL SOSPETTO
Francesco Maselli
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
LA BAIE DES ANGES
Jacques Demy
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
GIORGOBISTVE / “Folhas Caídas” / “Outono”
Otar Iosseliani

10 TERÇA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
RIO BRAVO
Howard Hawks
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
ADIEU PHILIPPINE
Jacques Rozier
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
THE PATSY
Jerry Lewis
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
AINDA NÃO ACABAMOS, COMO SE FOSSE
UMA CARTA
Jorge Silva Melo

11 QUARTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN
Vincente Minnelli
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? – CENAS DE
KARL VALENTIN 1, 2, 3
Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | GUIÕES
BONI BONITA
Daniel Barosa
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO
Jorge Silva Melo

12 QUINTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
GIORGOBISTVE / “Folhas Caídas” / “Outono”
Otar Iosseliani
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? – CENAS DE
KARL VALENTIN 4, 5
Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | GUIÕES
HELEN
André Colazzi

- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
NINGUÉM DUAS VEZES
Jorge Silva Melo

13 SEXTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP
Abbas Kiarostami
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
BATTLE CRY
Raoul Walsh
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
VANITAS OU O OUTRO MUNDO
Paulo Rocha
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR
Jorge Silva Melo

14 SÁBADO

- 11:00** | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA
IMAGEM COM LUZ DENTRO
- 15:00** | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
FANTASIA
Walt Disney
- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL
CONTE D'ÉTÉ
Éric Rohmer
UNA DOMENICA D'AGOSTO
Luciano Emmer
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
AGOSTO
Jorge Silva Melo

16 SEGUNDA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
ADIEU PHILIPPINE
Jacques Rozier
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER
JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC.,
FELICIDADES
Jorge Silva Melo
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | MOSTRA UBI
CURTAS METRAGENS
vários realizadores
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
ÁLVARO LAPA: A LITERATURA
de Jorge Silva Melo

17 TERÇA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
ABISMOS DE PASIÓN
Luis Buñuel
- 18:30** | SALA LUÍS DE PINA | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
NIKIAS SKAPINAKIS: O TEATRO DOS OUTROS
Jorge Silva Melo
- 19:00** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO
TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN
Vincente Minnelli
- 21:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE
COITADO DO JORGE
de Jorge Silva Melo

18 QUARTA-FEIRA

- 15:30** | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
WEST SIDE STORY
Robert Wise, Jerome Robbins

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE

**ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA
ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO**
Jorge Silva Melo

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIAS
CHECKPOINT BERLIN
Fabrizio Ferraro

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

SOLO
Jean-Pierre Mocky

19 QUINTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

WANDA
Barbara Loden

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE

A ÁFRICA DE JOSÉ GUIMARÃES
Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

ABISMOS DE PASIÓN
Luís Buñuel

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO –
CINEASTA DE PELE DURA

VIL ROMANCE
de José Campusano

20 SEXTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO –
CINEASTA DE PELE DURA

VIKINGO
José Campusano

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE

JOGADORES DE PAU MIRÓ
Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar
O TEMPO DE LLUÍSA CUNILLÉ
Jorge Silva Melo

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO –
CINEASTA DE PELE DURA

FANGO
José Campusano

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE

ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA
Jorge Silva Melo

21 SÁBADO

15:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
PEAU D'ÂNE
Jacques Demy

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL
CONTE D'AUTOMNE
Éric Rohmer
HANNAH AND HER SISTERS
Woody Allen

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE

**A GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM
BARTOLOMEU CID DOS SANTOS: POR TERRAS
DEVASTADAS**
de Jorge Silva Melo

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO –
CINEASTA DE PELE DURA
EL PERRO MOLINA
José Campusano

23 SEGUNDA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

MAN OF THE WEST
Anthony Mann

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | A MONSTRA NA CINEMATECA
LE ROMAN DE RENARD
Ladislav e Irène Starevich

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO –
CINEASTA DE PELE DURA

CÍCERO IMPUNE
José Celestino Campusano

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS
“A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria”
Richard Dindo

24 TERÇA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

SOLO
Jean-Pierre Mocky

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | A MONSTRA NA CINEMATECA
DOBRY VOJAK SVEJK / “O Valente Soldado Schweik”
Jiri Trnka

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE

ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ
FOTOGRAFIA | INFÂNCIA | CENÁRIO |
ESFEROGRÁFICA
Jorge Silva Melo

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO –
CINEASTA DE PELE DURA

HOMBRES DE PIEL DURA
José Celestino Campusano

25 QUARTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

BATTLE CRY
Raoul Walsh

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | A MONSTRA NA CINEMATECA
LE ROI ET L'OISEAU
Paul Grimault

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

DOLGYE PROVODY / “O Longo Adeus”
Kira Muratova

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

CRONACA FAMILIARE
Valerio Zurlini

26 QUINTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS
“A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria”
Richard Dindo

18:30 | SALA LUÍS DE PINA

A MONSTRA NA CINEMATECA

KRYSTAR / “O Flautista”
Jiri Barta

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

MAN OF THE WEST
Anthony Mann

21:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO –
CINEASTA DE PELE DURA

FANTASMAS DE LA RUTA
José Campusano

Atenção
ao
horário

27 SEXTA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

DOLGYE PROVODY / “O Longo Adeus”
Kira Muratova

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | A MONSTRA NA CINEMATECA
THE SECRET ADVENTURES OF TOM THUMB
Dave Borthwicka

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE

**FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É UM
RETRATO?**
Jorge Silva Melo

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

DETÉCTIVE
Jean-Luc Godard

28 SÁBADO

10:30 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA
SE EU FOSSE... CINEASTA

15:00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
MA VIE DE COURGETTE
Claude Barras

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL
CONTE D'HIVER
Éric Rohmer

ALL THAT HEAVEN ALLOWS
Douglas Sirk

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO –
CINEASTA DE PELE DURA

PLACER Y MARTIRIO
de José Campusano

30 SEGUNDA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

LE RAYON VERT
Éric Rohmer

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ CELESTINO CAMPUSANO –
CINEASTA DE PELE DURA

EI SACRIFICIO DE NEHUÉN PUYELLI
de José Celestino Campusano

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA /
CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

WANDA
Barbara Loden

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM JOSÉ LOPES

ADEUS LISBOA
João Rodrigues
LONGE
José Oliveira

31 TERÇA-FEIRA

15:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

DETÉCTIVE
Jean-Luc Godard

18:30 | SALA LUÍS DE PINA | CARTA BRANCA 2020
A JORGE SILVA MELO

CRONACA FAMILIARE
Valerio Zurlini

19:00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE SILVA MELO
– VIVER AMANHÃ COMO HOJE

A FELICIDADE
CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN
Jorge Silva Melo

21:30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SAUL BASS, ARTE DO GENÉRICO
WEST SIDE STORY
Robert Wise, Jerome Robbins

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros | Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas - > 65 anos - 2,15 euros | Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros | Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Sala M. Félix Ribeiro | Sala Luís de Pina

Horário da bilheteira: Segunda-feira/Sábado, 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00
Venda online em cinemateca.bol.pt | Não há lugares marcados
Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266
Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa

Biblioteca

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30

Sala dos Carvalhos e Sala dos Cupidos

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30 - entrada gratuita

Espaço 39 Degraus

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 13:00 - 22:00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01:00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida | bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745
Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa

Cinemateca Júnior | Salão Foz, Restauradores

Horário da bilheteira: 11:00 - 15:00 | Venda online em cinemateca.bol.pt

Adultos - 3,20 euros; Júnior (até 16 anos) - 1,10 euros

Ateliers Família: Adultos - 6,00 euros; Júnior (até 16 anos) - 2,65 euros

tel. 213 462 157 / 213 476 129 - cinemateca.junior@cinemateca.pt

Transportes: Metro: Restauradores | bus: 736, 709, 711, 732, 745, 759

Salão Foz, Praça dos Restauradores 1250-187 Lisboa